

OS SERTÕES
De Euclides da Cunha
Teatro Oficina Uzyna Uzona
O HOMEM
1a parte
do PRÉ HOMEM a re-volta

ATO I

PRÓLOGO: A Alvorada do Trans-Homem

(Escureidão, iluminada apenas pela luz que atravessa o janelão. Silêncio. Uma das primeiras pessoas do público que entra é convidada a acender a fogueira no MOQUÉM. Trovão. Evoés do público, silêncio dos atores que fazem um círculo em torno da fogueira. Um boi bumbá caga a bosta fundamental. Trovão. Silêncio. Chove. Os atores plantam cogumelos em volta. Comem os cogumelos. Reconhecem-se. Tomam (in)consciência das infinitas possibilidades dos presentes no espaço e no além do espaço. Levam a bosta pra queimar no fogo. Dançam sutis, progressivamente com a fumaça dentro e fora de si. Vão para os cantos do teatro quase invisíveis, ocupando as galerias. As brasas começam a brilhar. Os atores emitem COM-SOANTES, esquentando o público e a si próprios. Regressão evolutiva. Chegam ao estado pré homem, homem-bicho-pedra, para transitar para o transbordamento humano do trans homem. Nasce com a Brasa do Brasil o ICTO, arrebatamento, um ritmo ou uma frase musical, dityrambo.)

**Tem o Pré Homem
Depois o Homem
Aí vêm ou não,
o Trans Homem
Que retorna ao Pré-Homem
E Avança,
transborda o Homem
A idéia de homem
e de
civilizações.
Depois adeus Homem
O que sobrou,
Vai á Luta!
Na mestiçagem Brazil,
te procuro homem Brazyleiro.**

(Eternas viagens da hora. Encontram-se nas Origens da Língua de Euclides tapuia-celta-grego-negro criando culturas bárbaras nos quatro cantos do espaço. Culturas que buscam expansão e sentem as outras e que querem eucaristiar com elas no lugar destino, Brasil-Pista de Terreiro-Teatro de Estádio.

O grupo divide-se em quatro coros-ritmos - PERSONAS GENS - que partem para os lugares aonde formarão suas culturas.)

*(CORO NEGRO
Negro banto catre
homo afer,
filho de adustas paragens
bárbaras,
exercício intensivo da
ferocidade
e da força
seleção natural.
África quente
e bárbara.
Sul do teatro.*

*CORO ASIATICOS
Caprichosos construtores
da ponte Alêutica
raça invasora do Norte :
Mongóis Tupis
Numerosos na época
do descobrimento aqui.
Setentrional, terceiro andar ao norte do teatro.*

CORO GENS PORTUGUESA CELTA

Fator aristocrático do nosso gens,
Português
vibrátil estrutura intelectual de celta,
já vão todo caracterizados a estar...
Segundo andar Leste.

CORO POLYPÉROS

No Centro do teatro.
Zona do SER E MAIS SER.
Sonho de Mayra
Pré-história indígena
Chama lejana
raça autóctone americana.
Artistas Cientistas
Nascemos aqui sem panos
Autônomo, homo americanus:
homem da Lagoa Santa
cruzando com
Homem pré-colombiano dos sambaquis;
Homem de Lund,
Tapuios, Tupys, Guaranís
Silvícolas,
tipos evanescentes
renascentes
de velhas raças autóctones da nossa terra.

Em cada uma dessas regiões os coros desenvolvem suas culturas, o plasma que os ligará, de alguma maneira, nas viagens: música, dança, movimentação, relação. Cada coro torna-se muito distinto do outro.

Os Celtas forjam o ferro, dominam o metal, constroem armas e se organizam numa hierarquia. Executam os projetos dos instrumentos de navegação. Forjam o cravo que crucifixa Cristo. Tornam-se Ibéricos.

Os africanos dançam e cantam namorando a gestação dos orixás.

Os índios dançam e cantam suas lendas de nascimento, eternidade, forças naturais.)

VIAGENS - DANÇAS DOS ACASALAMENTOS FUNDADORES

Cenas Sacro-Profanas dos Cruzamentos Apaixonados das Raças

(Cada coro, com seus ritmos e danças, vai escutar e emitir. A sinfonia progride para músicas que nascem do encontro e de suas misturas. As diferentes línguas também são faladas.)

TAPUIOS JACEGUAY POLIPEROS

(Lingua se cria no cio de muitos eros. Surge uma palavra tupy na glossolalia.)

PRIMEIRA VIAGEM

(Os asiáticos partem para a primeira viagem; atravessam a ponte alêutica, de gelo sêco, descendo pela escada caracol ao Norte.

ASIATICOS MONGOIS TUPYS

(Vindos dos viveiros da Mongólia pela ponte Aleutica até a Jaceguay. Trazem sua pré-lingua. Chegam à pista. Pisam a América do Norte e seguem. Enquanto aproximam-se do centro do teatro, Jaceguai, América do Sul, vão despindo-se das roupas invernais, de esquimó. Encontram os primitivos brasileiros, da Jaceguai que ao vê-los esticam, sacanas, uma enorme rede e depois do 1o estranhamento, transam.)

TAPUIOS JACEGUAY TUPYS MONGOIS

(Lingua se cria no cio)

Tapi (buceta)	Puio
Tapiá (saco - pau)	Tapiá
Tapi Poli	Poli
Tapi-á ! Péros	Péros
Taitá	

Ta-pi.	Piota
Tapí ah	Tupy ah
Tapui - ah !	Tupy Po
Tapu- ui!	Poli Poli
Tapuia!	Péros
Jaceguá	Mongolá
Jaceguai	Mongolia
Popopo	Lilili
Polipéros	Polipéros
	Polipéros

(Gozam na delícia fundadora. Nasce o índio Tupy-Tapuio, de dentro da rede.)

TODOS
Tupy Tapuyo!

(Encantamento)

SEGUNDA VIAGEM

(De Portugal para as Índias, topando com a América. Ventos trazendo Evoés do sonho de Mayra. Os portugueses armam velas e começam a travessia do Atlântico. Topam com a terra brasileira. Surge uma palavra portuguesa. Índios observam a nau encantados. A princípio mantêm-se distantes, observando-se mutuamente. Os portugueses soltam uma galinha. Ela avança sobre os índios. Bota um ovo no centro de teatro. Os índios são atraídos pelo ovo. Perseguem a galinha. Da perseguição dela vem a transa.)
(A rede é o útero de onde sai uma criança nua.)

TODOS
Curiboca !

(Estranhamento seguido de Encantamento.)

TERCEIRA VIAGEM

(Do Brasil os portugueses partem para a África. Caçam negros e jogam no Navio Negreiro que retorna ao Brasil. Um senhor de engenho escolhe uma negra com quem transa, na Casa Grande, em frente a mulher. A mulher, Princesa Isabel, vai pra senzala e transa com diversos negros acorrentados. Misturam-se na rede da Senzala. Nascem duas crianças. Uma vai para a senzala e outra para a casa grande.)

TODOS
Mulato !

(Estranhamento e encantamento, sorridente.)

(No Mato. Uma índia pega no pau de um negro, ele na chota dela, se amam na fonte. Nasce uma Criança Cafuza.)

TODOS
Cafuz!
(Estranhamento, encantamento, gargalhadas)

CORO
E o Homem ?
O Homem Brasileiro
Te busco,
Desça, suba,
Nu na suruba
Mestiçagem embaralhada
Cafuza
Curiboca
Mulata
Branquelos

Pretos
Amarelos
Polipéros
Polipéros
POLipéros

(Com o mantra PolipEros começa a transa geral. Cafuz, Curiboca e Mulato entram na dança. A rede liga os baixos dos atores. Grande Gozo. Uma criança que estava sob a rede passa para cima dela e é lançada para o alto. Criança chora, ri.)

TODOS
Pardo!
O pardo é o tipo brasileiro ?
O tipo brasileiro é o pardo ?
Pardo ... tipo pardo ...
Assim, tipo tipo..

EUCLIDES - *(pergunta a todos)*
Tipo brasileiro ?

TODOS - *(na dúvida)*
Assim, Tipo...

EUCLIDES
O Brasileiro,
tipo abstrato que se procura,
não se acha,
é loucura.
Aqui *(pista)*
Aí *(publico)*
Aqui tem o homem brasileiro típico?
Tipo brasileiro tem tipo?
O tipo brasileiro não tem tipo.
Tipo brasileiro é um típico sem tipo.
E a Imigração ?
Antropólogos

CORO
jogam,
fundem,
entrelaçam,

EUCLIDES
três raças
no capricho
do momento.

CORO
Metaquímica

EUCLIDES
precipitados fictícios.

ANTROPÓLOGO DITYRAMBO BRANCO
Função do meio físico?
Secundária.
O Índio ?
Está decretada sua extinção.
O africano?
Sua influência diminui a cada ano.

Há gráficos
depois da abolição do tráfico,
tende pro mulato,

forma diluída do negro nato,
O caboclo?
Se apagam os traços dos silvicolos,
pouco a pouco.

Mais numeroso,
mais poderoso,
a vitória final,

BRANCOS
sou franco,

ANTROPÓLOGO DITYRAMBO BRANCO
é do Branco!

ANTROPÓLOGO DITYRAMBO I-JUCA PIRAMA
Arquiteto devaneios
metrificados
invadindo a ciência
na cadência
da vibração
do índio vencerá láicá
Emerso dos versos
reversos.

MC RACIONAL
Só os quatro pés,
poder político ao povo preto
mano,
africano,
reage superior
absorve no horror
a raça superior inferior.

BEATINHO
Sou mulato nato
No sentido lato
Mulato do litoral
Da América do Sul
Brasileiro
democrático
Sou o brasileiro de fato.

EUCLIDES
Tipo étnico único ?
O Homem Brasileiro típico.
Não tem tipo.

CORO
Não temos unidade de raça.
Não teremos
talvez
nunca.

EUCLIDES
Não temos identidade,
nem personalidade.
Pra quê?
Não precisamos !
(O ICTO passa a ser a "Marcha dos Povos".)

Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto,
se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma.
A nossa evolução biológica reclama

a garantia da evolução social.
Estamos condenados a inventar uma civilização,
com o plasma sanguíneo
desse nosso grande organismo coletivo.
Ou inventamos,
ou desaparecemos.

CORO

Quando iremos
Quando iremos
Além das praias
E dos montes
Saudar o nascimento do trabalho novo
Da sabedoria nova
A fuga dos tiranos
Fuga dos demônios
O fim
Da superstição
Adorar os primeiros
Os primeiros
O natal na Terra

CORO

Somos a mesma gente,
Em muitas gentes
Rolam climas diferentes
Ventos
Ventos
Nordeste
Sudoeste
Noroeste
Leste
Norte
Sul
haustos possantes
incessantes.

(o Menino Jesus El Niño dança, venta e canta seu trágico nome: "El Niño")

Projeção: Mapa Meteorológico do dia no Brasil

EUCLIDES

Um clima é como que...
a tradução fisiológica de uma condição geográfica.

CORO

Tocam pelo ar nas gentes.
Íntimos ares
E ais
Temperamentais

Sonoplastia: Serviço Meteorológico.

AGENTE METEOROLÓGICO

Aqui do Amphiteatro Brasil
Serra do Mar do Teatro Oficina:
A prumo sobre o Atlântico
desdobra-se a cortina desmedida.
Comtemplo climas do norte
Temperatura Sobe
Secura dos ares
Agora me lanço pros climas dos trópicos no sul.
Clima temperado da Europa Meridional...

Mas aqui em Reclinghausen...

Que clima faz agora?

(Corte)

Tirando São Paulo

Sul e Norte,

absolutamente distintos.

Sonoplastia: Serviço Meteorológico.

AGENTE METEREOLÓGICO DO MATO GROSSO

Da placidez opulenta de Cuiabá

Fala o serviço meteorológico matogrossense.

(Vacila)

Que regime climatológico mais anômalo !

Tirando São Paulo, lógico,

é o mais fundo traço da nossa variedade mesológica.

A placidez opulenta de Cuiabá esconde

germens de cataclismos...

(Susto. Vem o Ciclone.)

E é prá já.

Irrompem, assim, arrebatadamente

na espiral vibrante desse ciclone !

Estamos sendo inundados !

A água arrasta tudo !

Socorro!

(Enquanto os homens escondem-se no buraco-trincheira central, o teatro é inundado. Inundação. Volta o sol de Heliogabalo. O Homem deixa o refúgio a que se acolhera ainda trêmulo.)

AGENTE METEREOLÓGICO DO MATO GROSSO

TeatroespectadoresIÁ!

Contemplo os estragos

entre a revivescência universal da vida

que mal relembra a investida fulminante do flagelo...

O quê ?

Círculo vicioso de catástrofes !

Assim, de novo ?

Cataclisma irrompe arrebatadamente,

Socorro!

(O ciclone leva o matogrossense)

Sonoplastia: Serviço Meteorológico.

AGENTES METEREOLÓGICOS DO PARÁ

(em ritmo de ciranda)

Nós do Serviço de Meteorologia do Pará

vamos cirandando

Climas sucessivos num só dia.

(Primavera:

Alguns atores giram alegremente fortes enquanto a luz-sol vai nascendo.

Verão:

Quando está 100% claro a ciranda vai estacando, sofrendo com o calor até desmoronar ao chão. A Luz começa a cair.

Outono:

Quando a luz está próxima de se extinguir ouve-se os primeiros pingos. A chuva cai sobre os atores e público.

A chuva pára. Na completa escuridão ouve-se a ciranda recomeçar a rodar, serenando, tendo os atores agora voltados para fora, para o público, crescendo num movimento contínuo até a alegria forte da manhã novamente.)

CORO
Na Alvorada
Amor, Primavera
Na Alvorada
Amor, Primavera

A Jornada
Queima Verão,
Nem cheiro do gosto
Nem mais sensação,
Bochorno, chapação
Bochorno, chapação
Bochorno, chapação

Á tarde vem chuva
(todo o coro mais o público entram na ciranda)
na hora do encontro marcado
no Cheiro do gosto que volta
Outono,
outra estação
Outono,
outra paixão,

Três?
Não faz mal
num só dia tropical

Três?
Não faz mal
num só dia tropical

Sonoplastia: Serviço Metereológico.

AGENTE METEREOLÓGICO DO AMAZONAS
(Reinvocação musical do Oceano Cretáceo)
Aqui no Amazonas
Pânico Metereológico !
O Amazonas referto,
salta fora do leito,
dos Andes,
trancado no alevantado,
pula pra fora
espalha-se
mar de novo
pedaços de terra filhas
indo embora,
bêbadas,
lá vou eu,
ilhas ...!

(Os amazonenses estendem um longo pano vermelho rio amazonas.)

AMAZONENSES
A Enchente é uma parada na vida.
entre Igarapés
espero de pé.
Enche
Vaza
Enche

Vaza
Sístole (*quando vaza*)
Diástole (*quando enche*)
Sístole
Diástole
A maior artéria na Terra
emperra
sopra outro solo,
uma bafagem enregelada do pólo...

SILVÍCOLAS
Regatões picados pela ganância...

REGATÕES
Silvícolas enrijados na ignorância,

(Os homens, até então ilhados, procuram uns aos outros para se esquentarem. Formam uma ilha de corpos no Amazonas-mar. São regatões e silvícolas juntos.)

SILVÍCOLAS E REGATÕES
Acolhemo-nos aos tejupás,
tiritantes, abeira das fogueiras.
Cessa a trabalhadeira...
morrem os peixes nos rios,
enregelados;
morrem os passaros nos matos
silenciados,
emigrados;
ninhos esvaziados;
feras perecem
desaparecem,
desolamento polar e lúgubre.

AMAZONENSES
Rio sem margem.
É tempo da friagem.

Sonoplastia: Serviço Meteorológico.

MÃE TERRA AGENTE METEREOLÓGICO DO SUL
Aqui no sul
condições incomparavelmente superiores:
Quatro Estações

SULISTA CANTORA
(Uma sulista cantarola em surdina enquanto todos deitam sobre a terra um buquê japonês de origami fechado.)

Semear
Brotar
(Os sulistas abrem metade do buquê ainda no chão.)
Colher
(colhem os buquês abrindo inteiros)
Comer.
As crias mamam
Em casa

MÃE TERRA
Atingido o inverno,
a neve rendilha as vidraças;
gelam os banhados,
e as geadas branqueiam pelos campos...

(Os reis de Portugal e de Espanha encontram-se no centro do teatro. Cada um parte com

uma ponta de um fio traçando TORDESILHAS.)

CORO

Tordesilhas
Linhas invisíveis
Da imaginação

EUCLIDES

História de nossos corpos,
encenada no vasto Anfiteatro.
Cenas de descontraídos teatros.
Se olhamos pro palco de fora,
o Mar Atlântico.
Ou o de dentro
interior Brasil.

(O território é enfeudado, sulcado, repartido em quinze lotes, distribuídos aos donatários felizes iniciando-se o povoamento do país-teatro. Todos os habitantes das Capitânicas estão separados entre si pelas divisórias dos traços de propriedade feitas com trenas.)

EUCLIDES

15 Capitânicas Hereditárias
uma de todo indiferente
ao modo de ser da outra
evolvendo todas sob a mesma administração
indiferente...

DOM JOÃO III

Ah!
Donatários Felizes
Brasil assim me dá descanso
Ah! Meu coração
Minha paz, minhas riquezas,
são pretensiosas,
não aceito últimas miragens
das Índias portentosas.
É para mim não pr' Iglaterra
O centro do Globo da Terra
Eu uma criança,
da família Bragança
brinco de Império.

EUCLIDES

Separação radical

Duas sociedades distintas
Movimentos e tendências opostas.
Sul e Norte

(Os Donatários do Sul, saem arrebatadamente pela porta do teatro. Entram em cena os habitantes do Norte, Tableau Vivant tipo Casa Grande e Senzala.)

SCARLET A RARA DE PERNAMBUCO

PARDA NOBRE NORDESTINA

(cercada de escravos, índios e capatazes)
Aqui, no Norte,
a história é mais teatral
porém menos eloquente.
Presos entre o sertão inabordável
e os mares,
tendemos a atravessar séculos
imutáveis,
emperrados por uma centralização estúpida,
realizando a anomalia

de deslocar para uma terra nova
o ambiente moral de uma sociedade velha.

(Os Bandeirantes do Sul irrompem bravamente na extremidade sul da pista, frente a frente com os habitantes do Norte. ICTO Paulista Titanomaquista.)

SULISTA PAULISTA BANDEIRANTE MAMELUCO CRUZADO CLARK
Bateu-te,
felizmente,
a onda impetuosa do Sul.
um largo movimento

CORO
progressista

SULISTA PAULISTA BANDEIRANTE MAMELUCO CRUZADO CLARK
mamalucos audazes,

CORO
paulistas.

(breque)

SULISTA PAULISTA BANDEIRANTE MAMELUCO CRUZADO CLARK
E aí Baiana ?

SCARLET
Oxente,
sou pernambucana.

CLARK
Da Bahia pra cima tudo baiano.
E no sul paulista.
(volta o ICTO)
Bandeirantes,
atuantes !

PADRE MANOEL DA NOBREGA *(no sul)*
Piores qua na terra que peste...

CLARK
O homem aqui é "o homem".
Rompemos o mar imoto,
diretos pro sertão,
escravos capturamos
nos périplos africanos.
Da travessia do mar
no continente penetramos
Saltamos do Mar à Serra
Protegidos da Coroa
E dos estrangeiros que nos invadem a terra.

Mapa da Mina, Coro
Roteiros, roteiros, roteiros
Rios de Ouro
Minas de Prata
À Cata
Serras de Esmeraldas
Bandeiras,
desfraldas.

CORO DOS BANDEIRANTES
(trazendo bandeiras)
Preciosas pedras escondidas

em remotos recantos perdidas,
terras douradas, transponho
em busca da fortuna,
dos sonhos
(breque-desilusão)
Mas acordado sonho,
tudo desenhado.

SOLO DE UM BANDEIRANTE
Paes Leme Caçador das Esmeraldas,
morro no rio das Velhas em fraldas.
Meu corpo
coitado,
desenterrado.
Abandonado

BANDEIRANTES
todo errado.

SOLO DE OUTRO BANDEIRANTE
Mas...
no fundo das matas selvagens
surge o novo Eldorado
flechas nas mãos
corpo eriçado
selvagem nativo
pronto a ser escravizado
Mina de minas,
Escravas concubinas
Que sejam fabricados
novos
Mamalucos empertigados

ANHANGUERA
Jo soy Bartolomeu Bueno
Sevilla,
Non soy polista
Mostrem-me
Mostre-me Itabera
Pedra reluzente
ou pongo fuego
en el Riberón del Carmo...

(Tira pinga da sua algibeira põe numa escudela e ateia fogo)

INDIOS
Anhanguera!
Diabo Velho!
Anhanguera
Itaberaba
É aqui meu rei.

ANHANGUERA
Ese rio no merece ser quemado,
Mas bebido,
empiscado y nadado.
(Abraça as Indias com os olhos nas conas.)
Coño.
Ninguna mujer puede ser fritada
Más entrada.

*(Os Bandeirantes escravizam os índios e descem o Tietê no balanço da barca
mameluqueira.)*

BANDEIRANTES PAULISTAS

O Tietê me leva,
sem uma remada,
barca mameluqueira
escravidão ao ar livre
semanas a fio
desço o gentio
Está bom não tem choro
mas "quero oro".

CORO DE BANDEIRANTES

Erigimo-nos
autônomos,
aventurosos,
rebeldes,
libérrimos,
na atração das entradas.
Penetrar em disparada
pro desconhecido
desconhecido
descobrir,
Terra virgem,
inexplorada, do sertão
descobrimo depois do descobrimento
pra dentro,
delineando inédita epopéia
das bandeiras centopéias
atravessando linhas invisíveis
na Imaginação,
Tordesilhas

Pacífico,
O sertão
Desvendemos desmedidas paragens,
não povoemos,
nem deixemos abertas
que fiquem ainda mais desertas,
malocas e catas.
História, obscura sem ata
Nos roteiros sem datas...

FUNCIONÁRIO DA COROA *(em Minas)*

Ouro Preto!
Ouro Branco!
Ouro Índio!
Minas e Minas
Minas sem Mapas
De tudo se pode encontrar
São preciosas até as raspas
Da terra rica à enfartar!

CAETÊ

Descobri mina Caeté !
Paulista,
vem vê o que é...
Como da cabeça ao pé !

COROA PORTUGUESA

A minha c'roa balança.
Do Brasil perco a esp'rança
Da família Bragança
C'roa avança
Sem demora
a unificar-se

prostrada, boiôla
à c'roa espanhola.

(O Rei de Espanha curra o rei de Portugal e toma-lhe a coroa. Musica Holandesa, Navios de Amsterdam Holandeses invadem Recife tomando o trono. Mauricio de Nassau, falando Os Sertões em holandês, senta-se no trono, vem acompanhado das tropas do General Van Schkoppe, e de Eckhout que o retrata incansavelmente mas vai aos poucos deixando se maravilhar pela terra e pelos homens, pelo povo de Azucar que vem vindo.)

COROA ESPANHOLA

Los holandeses
Invaden el norte
De tierra ahora nuestra
Hipocritas Calvinistas
Traficantes
De Azucar
De esclavos
Bandidos piratas farsistas.

NASSAU

De Binnen-Landen?

GENERAL VAN SCKOPPE *(confirmando)*

De Binnen-Landen.

(Frevo-Rumba puxado por uma Crioula da Senzala Cubana, ela traz uma balança de ouro, com as marcas das Companhias Holandesas cheia de açúcar, maconha, charutos, Mauricio está sendo pintado por Eckhout. O povo de Camarão, o povo de Dias e o de Vieira, vem encobertos como figuração de Azucar. Eckhout pinta mais vai se desinteressando de Mauricio e tem seu pincel cada vez mais atraído pelo povo de Azucar.)

AZUCAR

Amsterdam
Dam, Dam
Damned
Recife Holandesa
Tiene su Grandeza
Bueno és comer y dar el cú
Todo es libre
Pesos Escudos Lybras
Sexo, drogas y maracatú
La historia de la humanidad
Historia de necesidad
Feticios
Vicios
Derrotas
Vitorias .
Biblias.
Azucar Azucar Azucar
Tabaco Tabacobaco
Tabaco ,tabacobaco
Tequilla
Café, Café, Café
A História do mundo
joga joga joga
com a droga.

(As três raças saem do Cavalo de Tróia disfarçadas de coro de rumbeiros, juntam-se apontando armas para combater os Holandeses.)

HENRIQUE DIAS, CAMARÃO E VIEIRA

Pode tratar de dar no pé,
Calvino aqui ninguem quer.

NEGROS

Negros de Henrique Dias,

ÍNDIOS

Índios de Felipe Camarão

LUSITANOS

Lusitanos de Vieira

ECKHOUT

Assim não vão sair bonitos nas retratos.

(Os negro entricheiram-se no fosso do teatro para atirar contra os holandeses. Os índios sobem nas estruturas.)

NEGROS ENTRICHEIRADOS

-Negros martelem metralhadoras,
tricheira real,

digere

pinga com pólvora!

-Famílias dinastas d'Africa

Negros,

que perderam tudo no eito dos canaviais,

fausto, dignidade carnavalesca,

e humana liberdade,

-acordando com os sonhos nas garras de uma bateria.

Fogo! Fogo!

ÍNDIOS

-Índios !

inoculados pelos missionários

de monogamia e pecado original

-Filhos dos desgraçados com as índias nuas.

VIEIRA

Vinde! Vinde!

Destroçar as tropas do Governador Geral Das Índias Holandesas.

ÍNDIOS

Índiaiada da minha terra tem palmeiras,

Fogo! Fogo!

(A luta com os holandeses congela, o foco da ação muda para o Sul.)

EUCLIDES

Enquanto isso

o estranho ser paulista

absolutamente alheio á agitação nortista,

volve em luta aberta contra a corte portuguesa,

numa reação tenaz contra os jesuítas,

arquitetando o massacre sombrio

aos índios da Missão de Guáira.

(No Sul um jesuíta tenta defender os índios crianças do Massacre de Guáira.)

Projeção: Estátua de Borba Gato como um imenso Saddam-Bush.

BANDEIRANTES

Jesuítas

Inimigos

Catequisam

Nossos índios

Que queremos

Pra brigar

Pra lutar
escravizar
E pra cruzar
Cruzar
E produzir
Novos Mamalucos Audazes
Paulistas, empreiteiros,
Capatazes
O Progresso vai chegar.
Catecismo de Guáira
Não pode continuar !
A chacina mais ensina.
Escravizar dos Andes à China.

Massacrar
Massacrar
Massacrar

Primeiro coro de Corpos Indios Queimados, assassinados.

COROA PORTUGUESA

DOM JOÃO IV
Restauração !
Portugal retoma a C'roa
de Espanha.
No Brasil
Vieira, então assanha
o Povo de Camarão, de Henrique Dias,
Pra expulsar os batavos
Bravos ! Bravos !

Mas dos paulistas
Temo mais o Agravo
Aproveitando-se das lutas em Pernambuco
Nomeiam agora um rei absoluto
por um minuto!

PAULISTA
Paulistas, subir nas palancas,
autonomia franca.
Proclamemos com firmeza
Abaixo a Coroa Portuguesa
Um Reinado Brasileiro,
nada menos,
Seja o rei
Amador Bueno
Viva o Rei!

CORO
VIVA O REI! VIVA O REI DO BRASIL!

(Amador sobe ao palco do poder com o trono do Brasil. O Coro cidadão faz a contagem explícita de um minuto, de 1 até 60. Os pernambucanos unidos congelam para olhar a cena. Camarão, Henrique Dias e Vieira apontando para Nassau, seu General e seu pintor que também congelam e a Coroa que congela igualmente, todos mesmo armados olham para Amador que do seu trono vê o Brasil e o Mundo Colonial. Amador Bueno não faz nada.)

AMADOR BUENO
O Rei do Brasil não pode ser Amador!

(Foge. A Trinca dos povos de Pernambuco com suas metralhadoras ataca com mais vigor os holandeses ao norte. Mauricio de Nassau deixa Recife também correndo às pressas levando Ekhout, seus quadros, seus generais.)

VIEIRA

Viva o Rei de Portugal !
Lá se foi Mauricio de Nassau

O POVO DE CAMARÃO
E vocês quando vão para Portugal?

O POVO DE HERNRIQUE DIAS
Adeus mundo colonial
Zumbi em Palmares estréia
Grosseira Odisséia
Estrondos nos Quilombos
30 mil mocambeiros,
Escravos Livres, os primeiros !

O POVO DE CAMARÃO, O POVO DE HENRIQUE DIAS E POVO DE ZUMBI
(Formam o Quilombo de Palmares. Tambores pra Trazer Zumbi, Orixá da Revolução)

ZUMBI!
ZUMBI!
O SOL DA LIBERDADE
NO SOLO TUPY!

MENSAGEIRO DO NORTE
(Vai pro sul em busca de mercenários paulistas.)
Correrias de Palmares ameaçam a Bahia,
Paraíba, Pernambuco,
o bárbaro contagia
Quilombos explodem a colônia na anarquia
Paulista receba esta missão,
A Coroa paga em ouro
sua contratação.

(Domingos Jorge Velho fechando o contrato:)

DOMINGOS JORGE VELHO
É meu teu ouro Oh Coroa Portuguesa
Roubastes de meus negros tua riqueza
Mas escravo fujão ofende meu Evangelho
Aceito, eu Domingos Jorge Velho.

(Domingos Jorge Velho e seus companheiros partem para debelar Palmares.)

DOMINGOS JORGE VELHO E CORO DE EMPREITEIROS PREDILETOS DAS GRANDES HECATOMBES.
Somos paulistas. Atacadistas.
Debeladores clássicos de terroristas.
Empreiteiros prediletos de Hecatombes,
até nas tocas onde o fugido se esconde.

CORO
Grandes caravanas guerreiras,
vagas humanas desencadeadas em todos os quadrantes erra,
invadindo a própria terra,
batendo-a em todos os pontos,
desvendando-lhe o seio rutilante das minas
vão agora sangrar o escravo rebelde às disciplinas,
assassina
assassina.

MASSACRE DE PALMARES

(Guerra de percussão. Chacina. Termina com a última e primeira degola, a de Zumbi, operada por Domingos Jorge Velho.)

EUCLIDES

Se os Filhos do Norte
como os sulistas
atravessassem o sertão
todos os indígenas seriam exterminados.

SEGUNDO CORO DE CORPOS AGORA AFRICANOS ENFILEIRADOS

CORO MISCIGENADO

(jongo morna cabo-verdeana)
Transfusão íntima de tendências,
longa fase de transformação ,
raças que se cruzam.
Período de fraquezas.
E incertezas.

O meio estampa,
então,
no nosso corpo em fusão,
os seus traços,
sua impressão .

Calor,
Luz,
Climas,
essa força catalítica misteriosa que a natureza difunde,
funde
desfunde
confunde
nossas camadas étnicas.

EUCLIDES

Não há um tipo antropológico brasileiro.

Procuremos,
porém,
neste trágico caldeamento
a miragem fugitiva
de uma sub-raça,
efêmera,
talvez.

TRIO DE PRIMEIROS POVOADORES DEGREDADOS

(Descendo aos poucos do navio no enfado da morna.)
É tudo muito,
muito vagaroso.

CONCEIÇÃO

Nós
Malditas gentes portuguesas
não estamos a abordar o Portugal meridional
robustecidas pela porra da força viva
das migrações compactas,
grandes massas invasoras
ainda que destacadas do torrão nativo,
capazes de conservar,
c'ralho,
ao menos pelo número,
nossas qualidades adquiridas em longo tirocínio histórico
falho !

MANOEL

Viemos gentes
pequininas,

esparsas,
em pequenas levas
colonos contrafeitos,
dores no peito..

MADRE DEUS

O Brasil é Terra do exílio;
vasto presídio,
para nós,
relapsos heréticos,
morféticos
ameaçados nos relhos
do morra per ello..

TRIO DE POVOADORES

(desolados)
número reduzido de povoadores
vastidão da terra
enormidade da população indígena.

MANOEL *(desesperado)*

E ainda trouxemos trágica informação.
Perdemos o sr. dr. santíssimo rei D. Sebastião!
Ai Ai Jesus !
Nestas terras de além mar
Não há portugueses
Para chorar

CAPITÃO FRAGOSO ALBUQUERQUE

Mais de 3 mil portugueses.
Daqui poc'horas estarão a chorare,
salgando
estas terras e mares.

DEGREDDADO HERMAFRODITA *(Trazendo o frege da franca devassidão, ensinando a todos o ritmo do VIRA.)*

Chore quem quiser, eu não.
Me perdoa querido rei Sebastião,
acabo de chegar nesta terra
com muitos Homens de guerra,
sem lares, aos ares
bruxas, detentos
atentos à vida solta dos acampamentos,
degredados, aventureiros corrompidos,
só tenho ouvido, só rezo esta avi

PADRE MANOEL DA NOBREGA

Ultra equinotialem non peccavi!

DEGREDDADO HERMAFRODITA

(canta)
De bajo del ecuador
No hay pecado mi amor.
O que é que a Bahia tem ?

OS NATIVOS

Tem Mancebia tem!

DEGREDDADO HERMAFRODITA

O que é que a Bahia tem ?

OS NATIVOS

Tem Sodomia tem!

(O VIRA vira toque OLODUM de tambores.)

BRANCOS
2.000 brancos

NEGROS
4.000 negros

INDIOS
6.000 índios

BRANCOS NEGROS E INDIOS
Descambamos todos pra franca devassidão
Nem o clero escapa da santa degradação

(Os degredados desembarcam e descambam em franca devassidão no Brasil, com as índias com seus lados de baixo do equador à vista, nuas. Os hábitos dos índios dominam. Bacanal geral. Uns portugueses enquanto isso choram por:)

MANOEL E CORO SEBASTIANISTA
Perdeu-se Dom Sebastião!

BRANCOS NEGROS E INDIOS
Descambamos todos pra franca devassidão
Nem o clero escapa da santa degradação

PADRE NÓBREGA
(Para a Coroa)
O interior do país cheio de filhos de cristãos sacrílegos
multiplicam-se,
nos hábitos gentílicos.
São muitos brancos naturais que sina,
com casta imagina, tupiniquina.
CORO DE NATIVOS E HERMAFRODITA
(canta)
De bajo del ecuador
No hay pecado mi amor.

PADRE MANOEL DA NÓBREGA
Envie órfãs, encalhadas,
ou mesmo mulheres erradas,
todas acharão maridos,
por que a terra é larga e grossa
e os crucifixos compridos.

CORO DE NATIVOS E HERMAFRODITA
(canta)
De bajo del ecuador
No hay pecado mi amor.

(O Bispo Sardinha entra solenemente recebido pelo padre e pelos portugueses. Dirige-se a coroa.)

PADRE MANOEL DA NÓBREGA
Bispo Sardinha !

BISPO SARDINHA
Vemos na colonia meter,
Tantos mestiços crescer,
Sumir os portugueses,
Que, se assim for, serão mais
Eles que nós, a meu ver.

DOM JOÃO IV

Colonos, minorai vossa ganância,
Copular, escravizar, recalçitrância?!

BISPO SARDINHA

(Desistindo, suspirando)

Não basta,
é preciso mandar brancas
se não eu mesmo vou subir às tamancas.
Estes demandos vão a entrar em Coma.
Parto agora neste navio direto a Roma,
Não adianta mais falar à C'roa.
Só Ela, Sua Santidade, vai compreender.
Ela é tão Boa!

(O Bispo está paramentado, folheado de ricos e coloridos paramentos. A Nave sai de Salvador com corais redentores de Salvação beirando a costa. A Musica suaviza-se enquanto Sardinha faz suas orações a bordo. Chega em Sergipe na praia dos Caetes cheia de Recifes. Os ventos trazem um repentino Barravento, uma Tempestade súbita, a Nau se agita na Tempestade. Os marinheiros tentam salvar o Barco.)

MARINHEIRO

Vai bater no recife
Encomenda um Milagre
Salve-nos Bispo
Quem sobreviver ao naufrágio
Não escapa dos antropofágios
Olha os Caetés
lambendo os beiços na praia.
Ergue a cruz faz uma maracutaia...
Pelo Jesus Santo das Gandaias!

(O Barco bate contra o Recife. Bispo é remetido fora, cai em cima de uma pedra de sacrifício. Um Bando de Caetés cantando, dançando, nús.Vão o despenando das folhagens dos paramentos, até o momento de chegar a carne. O Bispo cobre o sexo e grita de medo e vergonha. O mar se acalma. Silêncio. Sardinha chora emocionado.)

SARDINHA

(Para os marinheiros e o público. Os índios demonstrando um apetite imenso pelo Bispo. Bispo para todos e para o público.)

Que vergonha
Sou "O Homem" em pêlos,
pelado.
(grita)
Não olhem.
Ai, vou ser despedaçado,
devorado,
deglutido...
Imortalizado?
(Conversão milagrosa a comunhão pagã. Os índios param de xingar. Sardinha com bondade missionária:)
Podem olhare.
Vou estare,
hoje ainda,
dentro de vocês,
povo Caeté.
(muito emocionado)
Vou ser comido.
Vou ser comungado.
Como Jesus Cristo,
(oferecendo com humildade soberana. O moquem é aceso.)
Este é meu sangue, bebei.
Este é meu corpo, comei.
Inicio Era

ainda sem Mil
Cristo Alegre do Brasil
Canto e Danço meu martirio
Nasce d'eu comido
Sem FOME
A civilização do povo Brasileiro.
Imimigo
vou estar dentro de vós
O primeiro,
pra todo sempre.
Um pouco de merda,
fica no assadeiro.
Mas serei o plasma
da civilização do povo Brasileiro,
o parteiro.

(O Pajé aproxima-se e lhe dá uma paulada na cabeça sem nenhuma cerimônia, devoram-no, preparam pedaços no moquém, no lugar do seu corpo somente ficam as folhagens da roupa. Os Caetés gritam de prazer.)

CAETÉ

É mais gostoso Sardinha
que teu nome.
Que peixe, que nada,
que homem !
Começou o primeiro ano da Era
Com a nossa deglutição da Féra
Nasce o povo sem raça
Vira lata
Brasileiro
Nem indio, nem negro, nem branco
Carne comida com vida
Cruzamento,
Mancebia
Escravidão
A Antropofagia
Resolve essa equação
Sem especulação

AS ORFÃS

(Música Sacra. Um navio cheio de órfãs se aproxima e lança âncora. Elas descem guiadas por uma freira da inquisição ,polícia feminina de bons costumes. Como uma moderna Censora racional, atual. São recebidas pelas índias que querem transar com elas. A Freirona que pode ser sapatona reprimida se abala mas não demonstra é uma chaperon típica. Bárbara Heliadora. Os solteiros escolhem suas moças. Casam-se todos ao mesmo tempo no ritual católico como a cena das milhares de comunhões e na solenidade bem casta, tipo tableau colonial do casamento policiado pela Chaperon portuguesa colonizada inglesa, mas os homens estão com atraso e não conseguem segurar-se. Querem transar logo diante dos padres. Os índios entram também na transa. Formam-se grupos que Bárbara e sua polícia tenta separar em raças)

BARBARA HELIODORA

(afobada)

Obedeçam a mim.
Bárbara Heliadora.
Fora ! Fora !
Índio prá lá.
Índia prá lá.
Branca prá cá.
Branco prá cá.
Isso não é o livro !
Nem teatro !
(Pega Os Sertões e mostra.)

Os Sertões não é teatro !
Oh my Bard !

JESUITA

(Órgão grave - Apito de Navio. O jesuíta desembarca. Todos param apavorados com a solenidade da figura que entra.)

Chamado pelo martírio de Sardinha

Chego com poder d'Imp'rar

Neste Portugal d'além mar,

com o privilégio sagrado

d'almas conquistare,

monopólio de vosso braço,

mente

alma

coração

para vossa proteção,

nos campos de concentração,

da Companhia de Jesus.

Somos os únicos homens disciplinados do nosso tempo.

Vamos juntos promover Santa Missão ,

Vosso Assentamento.

Paciente esforço de penetração

no âmago do sertão

completando sem sangueiras

o movimento febril das bandeiras.

(anuncia)

Catequese !

(ensina aos índios misturados ao públido e ao público.)

Principium

sapientiae

Timor

Domini

est.

INDIOS

(achando graça, rindo muito da língua.)

Principium sapientiae Timor Deos est

JESUITA

(Furioso, apontando para o céu, com voz possuída pela fúria do Deus Pai, impondo medo.)

O principio da sabedoria

é o TEMOR a Deus.

(Trovão. Os índios ficam assustados. O Jesuíta mostra o número um com o dedo indicador:)

Um só Deus:

MONO-teísmo:

Um só parceiro sexual

MONO-gamia:

Um só chefe

MONO-arquia:

INDIOS

(Repetindo, mostrando vários dedos da mão.)

Um só deus

Um só mona

Um só chefe

Um só banana

Um só jejuíta

(Depois fazem uma banana, mostrando o dedo médio para o jesuíta, e fazem chover cascãs

de banana no padre.)

RAP DA TARJA NEGRA

ESCRAVOS

(Dançando acorrentados por uma fita negra tomando o litoral todo.)

-Raça preta,
outra treta,
dominada,
situação social,
escravizada,
desenvolvimento,
faculdade cortada,
-organização potente,
na cama e no batente,
pesa no meu ombro principalmente,
a vida colonial toda emergente,
trabalho forçado, não folgo,
besta de carga,
o chicote empolgo,
-não se enjeita nem escravos,
nem bestas,
com agravos,
doentes, mancos,
vamos aos trancos,
debruando nas costas dos brancos,
-Tarja Negra,
-de Santos,
-Tarja Negra,
-a São Luís,
do Maranhão,
-Tarja Negra,
-luto preto,
na pressão,
-Tarja Negra,
mapa do Brasil,
te envergonho?
Orixá, Sonho.

CURIBOCA

(Ocupando o centro - canto dança Índia.)

Raça Índio,
verde escuro avermelhado,
no Sertão Verde Amarelo
campeio sem elo,
inapto pro trabalho,
vagabundo pra caralho,
bundo eterno rebelado,
mal tolhido no aldeamento,
no missionário doutrinamento,
Sertão Verde Amarelo,
Vermelhão.
Mapa do Brasil,
não vê não ?
Sertão,
Índio Fujão
Verde amarelo,
Vermelhão.

ATO II

(O Rio São Francisco vai sendo traçado na pista por desenhista franciscan(o)a - Música de Água Doce).

DESENHISTA FRANCISCANO

Bordo ondas, história em diagrama
São Francisco balanceia o Drama,
Do Tietê poluindo rio
por descimento do gentio.

CORO DE ESCRAVOS E CAPATAZES + GENTE DA COROA

(Na nascente, bate estaca.)
Agitação mineira,
amplas cabeceiras,
dilatada bacia, alumia!
Rede de afluentes,
colhendo montanhas de Minas reluzentes.

CORO DE INDIOS E VAQUEIROS

(no médio rio, guarânia)
Paragem formosíssima dos gerais
De Minas Gerais
Médio Rio,
regímen pastoril...
ovo, do povo novo.

PADRE E PAJÉ

(ao norte na jusante, science)
Curso inferior,
jusante de Juazeiro,
pendores torcem para o mar,
escapando a caatingueira,
dentro das secas regiões,
Teatro das Missões
Padre e Pajé,
modelamos a terra
pras grandes batalhas silenciosas da fé.

DESENHISTA FRANCISCANO

Duas entradas únicas,
à nascente
e à foz,
levam à nova sorte
Homens do Sul
encontrando os homens do Norte
traço de união,
no espaço e nas idades,
entre duas sociedades,
de todo desconhecidas.
Gado,
dos dois lados,
empapuçados na saleira,
promovem grande encontro,
caminho da civilização brasileira.
(Desenhista Franciscano espalha uma linha de sal grosso na pista. Um Boi Bumbá do Norte e um Boi Bumbá do Sul se encontram no sal.)

O CENTRO DO BRASIL ENCONTRADO ABENÇOADO PELO RIO DA UNIDADE NACIONAL

(Os dois coros se encontram. Música do Norte encontra-se com música do Sul. Épico. O gado vai por si para o centro saborear o sal e descobre o lugar, os cruzados ensarrilham a cruz e a espingarda. Do sul e nordeste bandeiras fazem a moldura, duas ferraduras.)

CORO PAULISTA

Baianos.

CORO BAIANO

Paulistas.

BAIANOS E PAULISTAS

Gado no Sal Abençoado,
nos ligam no espaço e no tempo,
passatempo!

DISCURSO OFICIAL DO MOMENTO HISTORICO

DOMINGOS SERTÃO

Vastos latifúndios,
terras do sem fim,
Encerro a vida aventureira,
esse negócio está bom pra mim.
Lucros estão
nas fazendas de criação,
Tiro Jorge Velho do meu Domingos
me rebatizo Sertão.
A Terra exuberante eleita,
compensa a miragem desfeita
das minas cobiçadas.
Neste solo alumiado,
fundo meu principado:
Feudalismo achamboado.
(Aos foreiros.)
Foreiros humildes vos declaro:
meus vassallos.
(aos tapuyos)
Mansos tapuios, observo:
sejam meus honoráveis servos.
E eu Vosso Senhor Feudal
achamboado
colonial.

CORO

Nosso príncipe Domingos Sertão!

DOMINGOS SERTÃO

Vale do S. Francisco,
já muito povoado de mamelucos progressistas
meus descendentes, quinhentistas
já é colônia exclusiva nossa
paulistas
Vem índia, estou comovido
prá este amplexo feroz,
de Vencedor e Vencido.

(A Mãe índia reluta até o pai mameluco paulista dominar. Cruzam. A música épica vai terminando em gran-finale.)

MÃE INDIA

Nasce Filho de vencido
com vencedor!
É Amor ?
Seja o que for!

(Entra o ICTO do BOI. Sacrificam um boibumbá. Tira-se o seu couro e paramenta-se o vaqueiro.)

VAQUEIRO

Nasço deste amplexo vigoroso
bravo e destemeroso,
como meu pai,
Bandeirante Paulista,
feroz e vencido como minha mãe,
índia nortista.
Mas levo vantagem,
não vivo a tiracolo
sou fixo ao meu solo,
O "Mimoso" das planuras desafogadas,
o "agreste" das chapadas,
rios,
afluentes
pro ocidente
e pro oriente,
simétricos a dentro
ligados à costa,
e ao centro,
povos esparsos em fusão,
no caroço da Terra Grande,
no coração.

EUCLIDES

No próprio território de São Paulo,
donde seu nome é advindo,
Paulistas em degeneração vem decaindo
aqui mamalucos idênticos,
renascem paulistas autênticos.

CORO

Essa rude sociedade,
guardada no meio do Rio,
da nossa unidade,
incompreendida
olvidada,
é o cerne vigoroso da nossa nascente nacionalidade!

(Tira-se o molde do vaqueiro, por onde passam todos os atores, tornando-se vaqueiros.)

DOMINGOS SERTÃO

(Pegando sua velha arma de bandeirante e a sua bandeira)

Dentro do arcabouço titânico vaqueiro,
chama o guerreiro!
Vem, nesse instante
vibratilidade incomparável bandeirante.
Bagunço!

(Entrega a arma ao vaqueiro.)

Nasce Jagunço.
Tua veste de couro incorruptível,
é agora
tua armadura flexível.
Faz tua rude escola de força imperar

CORO

onde ruge impune o jaguar...

JAGUNÇOS

História de má sina,
Heróis da indisciplina,
viveiro
dos mais sombrios
e iluminados atores brasileiros.
Congregados

pelas leis do banditismo disciplinado,
para lutar por essa terra,
ignota,
que me adota.

(mudança absoluta musical, de luz, de local)

VIGARIO DE ITAPICURU

Cantemos em Glória,
nossa Vitória !
No dia da Graça de Hoje,
vamos batizar
nada mais nada menos
aqui em Itapicuru
3.700 catecumênos.

CORO EM LATIM

Magnificat
Anima mea
Magnificat
Anima mea
Et exultavi
Spiritus meo
In Deo salutaris meo
(2X)

CORO MARACATU RURAL TAPUIO

Pambu, Patamuté, Uauá,
Bendegó, Cumbe, Maçacará,
Cocorobó, Jeremoabo, Tragagó,
Canché, Chorrochó, Quincuncá, Conchó,
Centocé, Açuruá, Xique-Xique, Jequié,
Sincorá, Caculé, Orobó, Catolé.

(Ditirambo tapuio, mistura-se com ditirambo em latim enquanto vão todos passando pela Fonte com água benta para o Batismo para todas as idades, de bebês a velhos.)

VIGARIO DE ITAPICURU

Nesta Terra esquecida
propriedade de uma família só:
Garcia D'Ávila,
ocupamos essas terras improdutivas
nosso mocó
a solicitude calculada do jesuíta
a abnegação rara de capuchinhos
e franciscanos
incorporaram afinal tribos à nossa vida nacional.
O indígena foi se fixando nos nossos aldeamentos
juntaram-se
formaram-se Cabildas.
Avançaram as Santas Missões,
num lento caminhar contínuo
até o dia de hoje
batizando multidões
o Bom Jesus no céu sorri
decerto,
vendo suas cidades crescendo no deserto.
Vendo gente vir de povoados antiquíssimos.
Vamos começar...
Organizadíssimos...
os de Itapicuru-de-Cima a Jeremoabo...!
(o coro responde se organizando)
Os dos sertões de Rodelas a Cabrobó...!
Eu te batizo em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo,

(Vai se dando uma série de nomes nordestinos cristãos e outros escolhidos pelo público e atores batizados. O batizado vai acontecendo com um ditirambo forte, os batizados se transmutam, vestem-se, choram, brincam.)

VIGÁRIO DE ITAPICURU

(convocando os tapuios para o batizado)

Magnificat!!!

Anima mea!!!

Magnificat!!!

Anima mea!!!

INDIOS REBELDES

Tapuios, pagãos

mesclamos

aos nossos irmãos,

mocambeiros foragidos da prisão,

canhembora

e quilombola

(Soma-se ditirambo em nagô.)

Branco escapos à justiça,

Hoje não atacamos,

mas não batizamos.

VIGÁRIO DE ITAPICURU

Vinde a nós pecadores !

Hoje todos aqui reunidos escolhem seus novos nomes.

E Jesus e Nossa Senhora,

do céu,

dão um novo nascimento ao homem.

Nova aliança, manifesta

o arco-íris dos céus em festa.

INDIOS TAPUYOS REBELDES

Nós não batizamos,

gostamos dos nossos nomes

dos nosso codinomes.

MANTRA CARIRI

Cariri

Jurema Preta

Tupi pora-pora-ema

Tapui-retama

Tróia de Taipa

(é repetido durante a fala)

FRANCISCANO

No Baixo São Francisco

paragens pouco apetecidas,

só as secas são bem recebidas,

eleitas aos roteiros poeirentos, lentos das missões...

serranias

nos fecham...

solidões

asilo dos que não entram nos moldes das colonizações.

CORO CARIRI

Missionários malucos aqui falam com Tupã

Carairis com IôCanaã

CORO DOS COLIGADOS

Atacados por nós coligados

Portugueses-negros-tupis,

contra vós em guerra.

CORO CARIRI

Encontramos proteção aqui
nesse colo duro da terra.

CORO CARIRI E COLIGADO

A Terra
se modela
para as grandes batalhas
silenciosas
da fé...

EUCLIDES DA CUNHA

Abramos um parêntesis irritante...

PARENTESIS IRRITANTE

(Na pista estão os analisados: dois mestiços e Euclides da Cunha. Nos balcões estão os cientistas: Brancos, Negros e Índio e Nina Rodrigues.)

NINA RODRIGUES

A mistura de raças mui diversas é,
na maioria dos casos,
prejudicial.

BRANCO

Ante as conclusões do evolucionismo,
ainda quando reaja sobre o produto
o influxo de uma raça superior,
despontam vivíssimos estigmas da inferior.

NEGRO

A mestiçagem extremada é um retrocesso.
O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia,
exprimem estádios evolutivos que se fronteiam,
e o cruzamento,
além de obliterar as qualidades preeminentes do branco,
é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos do negro e do índio .
De sorte que o mestiço,
traço de união entre as raças,
breve existência individual em que se comprimem esforços seculares
é, quase sempre,
um desequilibrado.

BRANCO

Foville compara-os aos histéricos.

BRANCA

Mas o desequilíbrio nervoso,
em tal caso, é incurável:
não há terapêutica para este embater de tendências antagonistas,
de raças repentinamente aproximadas,
fundidas num organismo isolado.

ÍNDIO

Não se compreende que após divergirem extremadamente,
através de largos períodos,
entre os quais a História é um momento,
possam dois ou três povos convergir,
de súbito,
combinando constituições mentais diversas,
anulando em pouco tempo distinções resultantes de um lento trabalho seletivo.

NINA RODRIGUES

E o mestiço,

mulato, mamaluco ou cafuz,
menos que um intermediário,
é um decaído,
sem a energia física dos ascendentes selvagens,
sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores.

MESTIÇO I

Contrastando com a fecundidade que acaso possua, ele revela casos de hibridez moral extraordinários: espíritos fulgurantes, às vezes, mas frágeis, inquietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo-se prestes, feridos pela fatalidade das leis biológicas, chumbados ao plano inferior da raça menos favorecida. Impotente para formar qualquer solidariedade entre as gerações opostas, de que resulta, reflete-lhes os vários aspectos predominantes num jogo permanente de antíteses.

BRANCA

E quando avulta, não são raros os casos, capaz das grandes generalizações ou de associar as mais complexas relações abstratas, todo esse vigor mental repousa sobre uma moralidade rudimentar, em que se pressente o automatismo impulsivo das raças inferiores.

INDIO

É que nessa concorrência admirável dos povos, evoluindo todos em luta sem tréguas, na qual a seleção capitaliza atributos que a hereditariedade conserva, o mestiço é um intruso.

NEGRO

Não lutou;
não é uma integração de esforços;
é alguma coisa de dispersivo e dissolvente;
surge, de repente,
sem caracteres próprios,
oscilando entre influxos opostos de legados discordes.

BRANCA

A tendência à regressão às raças matrizes caracteriza a sua instabilidade. É a tendência instintiva a uma situação de equilíbrio. As leis naturais pelo próprio jogo parecem extinguir, a pouco e pouco, o produto anômalo que as viola, afogando-o nas próprias fontes geradoras.

MESTIÇO I

O mulato despreza então, irresistivelmente, o negro e procura com uma tenacidade ansiosíssima cruzamentos que apaguem na sua prole o estigma da fronte escurecida;

MESTIÇO II

o mamaluco faz-se o bandeirante inexorável, precipitando-se, ferozmente, sobre as cabildas aterradas dos indígenas...

NINA RODRIGUES

Esta tendência é expressiva.

Reata, de algum modo, a série contínua da evolução, que a mestiçagem partira.

BRANCA

A raça superior torna-se o objetivo remoto para onde tendem os mestiços deprimidos e estes,
procurando-a,
obedecem ao próprio instinto da conservação e da defesa.

MESTIÇO II

É que são invioláveis as leis do desenvolvimento das espécies;
e se toda a sutileza dos missionários tem sido impotente para afeiçoar o espírito do selvagem às mais simples concepções de um estado mental superior;
se não há esforços que consigam do africano,
entregue à solicitude dos melhores mestres,
o aproximar-se sequer do nível intelectual médio do indo-europeu,
porque todo o homem é antes de tudo uma integração de esforços da raça a que pertence e o seu cérebro uma herança,
como compreender-se a normalidade do tipo antropológico que aparece,
de improviso,
enfeixando tendências tão opostas ?

EUCLIDES

Entretanto a observação cuidadosa do sertanejo do Norte mostra atenuado esse antagonismo de tendências
e uma quase fixidez nos caracteres fisiológicos do tipo emergente.

Este fato,
que contrabate,
ao parecer,
as linhas anteriores,
é a sua contraprova frisante.

MESTIÇO I

Com efeito, é inegável que para a feição anormal dos mestiços de raças mui diversas contribui bastante o fato de acarretar o elemento étnico mais elevado,
mais elevadas condições de vida,
de onde decorre a acomodação penosa e difícil.
E desde que desça sobre eles a sobrecarga intelectual e moral de uma civilização,
o desequilíbrio é inevitável.

MESTIÇO II

A minha índole incoerente,
desigual e revolta,
como que denoto um íntimo e intenso esforço
de eliminação dos atributos que me impedem a vida num meio mais adiantado e complexo.
Reflico,
em círculo diminuto,
esse combate surdo e formidável,
que é a própria luta pela vida das raças,
luta comovedora e eterna,
força motriz da História.
A verdade é que
se todo o elemento étnico forte
"tende subordinar ao seu destino o elemento mais fraco antes o qual se acha",
encontra na mestiçagem um caso perturbador.

NEGRO

A luta transmuda-se, tornando-se mais grave.
Volve do caso vulgar,
do extermínio franco da raça inferior pela guerra,
à sua eliminação lenta,
à sua absorção vagarosa,
à sua diluição no cruzamento.

BRANCA

E durante o curso deste processo redutor,
os mestiços emergentes,
variáveis,
com todas as nuanças da cor,
da forma e do caráter,
sem feições definidas,
sem vigor,
e as mais das vezes inviáveis,
nada mais são do que os mutilados inevitáveis do conflito que perdura,
imperceptível,
pelo correr das idades.

NINA RODRIGUES

É que neste caso a raça forte não destrói a fraca pelas armas,
esmaga-a pela civilização.

EUCLIDES

Nossos rudes patrícios dos sertões do Norte forraram-se civilização.
O abandono em que jazeram teve função benéfica.
Libertou-os da adaptação penosíssima a um estádio social superior,
e,
simultaneamente,
evitou que descambassem para as aberrações
e vícios dos meios adiantados.

A fusão entre eles operou-se em circunstâncias mais compatíveis com os elementos inferiores.

O fator étnico preeminente transmitindo-lhes as tendências civilizadoras não lhes impôs a civilização.

Este fato destaca fundamentalmente a mestiçagem dos sertões da do litoral.

São formações distintas,
senão pelos elementos,
pelas condições do meio.

O contraste entre ambas ressalta ao paralelo mais simples.

O sertanejo tomando em larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio físico, que ao invés de deprimir enrija o seu organismo potente, reflete,

na índole e nos costumes,

das outras raças formadoras apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua fase social incipiente.

É um retrógrado;
não é um degenerado.

Por isto mesmo que as vicissitudes históricas o libertaram,
na fase delicadíssima da sua formação,
das exigências desproporcionadas de uma cultura de empréstimo,
prepararam-no para a conquistar um dia.

A sua evolução psíquica,
por mais demorada que esteja destinada a ser,
tem, agora,
a garantia de um tipo fisicamente constituído e forte.

Aquela raça cruzada surge autônoma e,
de algum modo, original, transfigurando,
pela própria combinação,

todos os atributos herdados;

de sorte que,

despeada afinal da existência colonial,

pode ainda inventar uma nova civilização

por isto mesmo que não a atingiu de repente.

Aparece logicamente.

Ao invés da inversão extravagante que se observa nas cidades do litoral, onde funções altamente complexas se impõem a órgãos mal constituídos, comprimindo-os e atrofiando-os antes do pleno desenvolvimento, nos sertões a integridade orgânica do mestiço desponta inteiriça e robusta, imune de estranhas mesclas, capaz de evolver, diferenciando-se, acomodando-se a novos e mais altos destinos. Porque é a sólida base física do desenvolvimento moral ulterior.

Deixemos, porém, este divagar pouco atraente. Prossigamos considerando diretamente a figura original dos nossos patrícios retardatários. Isto sem método, despretensiosamente, evitando os garbosos neologismos etnológicos.

Sejamos simples copistas. Reproduzamos, intactas, todas as impressões, verdadeiras ou ilusórias, que tivemos quando, de repente, acompanhando a celeridade de uma marcha militar, demos de frente, numa volta do sertão, com aqueles desconhecidos singulares, que ali estão – abandonados – há três séculos.

ATO III

(Tai-tá, tai-chi. Iniciação à passagem do estado de homem para o de pré e além do homem. Apatia - Ação. Contradição, oxímoro do não ser - ser sertanejo.)

CORO

Taí Tá!

O sertanejo é,
antes de tudo,
um forte.

Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

Taí Tá!

A sua aparência,
entretanto,
ao primeiro lance de vista,
(Examinam-se. Estudam a examinação do público. E da atmosfera.)
revela o contrário.
Falta-lhe a plástica impecável,
o desempenho,
a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso,
desengonçado,
torto.

Hércules-Quasímodo,
reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos.

O andar sem firmeza,
sem aprumo,
quase gingante e sinuoso,
aparenta a translação de membros desarticulados.
Agrava-o a postura normalmente abatida,
num manifestar de displicência
que lhe dá um caráter de humildade deprimente.

E se na marcha estaca
pelo motivo mais vulgar,
para enrolar um cigarro,
bater o isqueiro,
ou travar ligeira conversa com um amigo,
cai logo
-cai é o termo-
de cócaras,
atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável,
em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés,
sentado sobre os calcanhares,
com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

(Asana de Adoração, passando para a Asana da depressão sem perder o humor.)

É o homem permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível,
a atonia muscular perene,
em tudo:

na palavra remorada,
no gesto contrafeito,

*(A depressão humorada vai passando para a adoração e depois termina em estado neutro-
misterioso.)*

no andar desaprumado,

na cadência langorosa das modinhas,
na tendência constante à imobilidade e à quietude.

Entretanto,
toda esta aparência de cansaço ilude.

Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso.
Naquela organização combalida operam-se,
em segundos,
transmutações completas.
Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas.

(Incidente da necessidade da luta, do desprezo pelo teatro, do chamado do amor.)

O homem transfigura-se.
Empertiga-se,
estadeando novos relevos,
novas linhas na estatura e no gesto;
e a cabeça firma-se-lhe,
alta, sobre os ombros possantes,
aclarada pelo olhar desassombrado e forte;
e corrigem-se-lhe,
prestes,
numa descarga nervosa instantânea,
todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos;
(Grito de Mutação. Pausa Intensa. Vira. Retoma o estado neutro-misterioso.)
e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente,
o aspecto dominador de um Titã acobreado e potente,
num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.

Taí Tá!

(Pausa. O coro monta em cadeiras-cavalos em estado Hércules. Todos a um tempo. O Vaqueiro em estado Quasímoso-Pré Homem.)

DITYRAMBOS: COCOS-CAVALOS, BUMBO DOS BOIS, VAQUEIROS-CADEIRAS.

*(Os percussionistas, de cocos e bumbo, são também personagens: cavalo e boi.)
(O texto é um aboio, no ICTO MORNA TROTE MOLE no tempo da apatia, depois com o incidente da fuga da rês entra no ICTO da perseguição, na sensualidade que leva ao gozo ao capturar a rês alevantada.)*

VAQUEIRO 1

(Rindo de si mesmo com humor-próprio.)
É impossível cavaleiro mais chucro e deselegante;
pernas coladas ao bojo da montaria,
tronco pendido pra frente
oscilando à feição
dos cavalinhos do sertão,
desferrados
maltratados,
resistentes e rápidos,
nesta atitude indolente,
a passo,
pelas chapadas,
no passo tardo das boiadas,
vaqueiro preguiçoso
transformo o "câmpião"
na rede amolecedora
em que atravesso dois terços da minha existência.

(O incidente.)

Uma rês alevanta
envereda,
esquiva,
se adianta,
pela caatinga.

(A fuga da rês cria cena acrobática, com ICTO CRESCENDO, conforme os obstáculos.É realizada sobre as cadeiras-cavalos, simultaneamente por todos.)

Cravo os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria.
Parto como um dardo,
atuo-me velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas.

(Vendendo peixe.)

Sou o vaqueiro no meu steeple-chase bárbaro !

Não há conter-me no ímpeto.

Antolham-se me quebradas,
acervos de pedras,
coivaras,
moitas de espinhos,
barrancas de ribeirões,
nada me impede encalçar o garrote desgarrado,
por onde passa o boi
passo eu com o meu cavalo...
Colado ao dorso dele,
confundido com ele,
graças a pressão dos jarretes firmes,
realizo a criação bizarra de um centauro bronco:
emerjo inopinadamente nas clareiras;
mergulho nas macegas altas;
salto valos e ipueiras;
vingo cômoros alçados;
rompo, célere, pelos espinheirais mordentes;
precipito-me, a toda brida, no largo dos tabuleiros...
Nesse momento a minha compleição robusta ostenta toda a plenitude.
Sou eu que empresto vigor ao cavalo pequenino e frágil,
sustento-o nas rédeas improvisadas de caroá,
suspendo-o nas esporas,
arrojo-o na carreira
estribando curto,
pernas encolhidas,
joelhos fincados para a frente,
torso colado no arção
escanchado no rastro do novilho esquivo:

Aqui curvo-me agilíssimo,
sob um ramalho,
que quase me roça pela sela;
além desmonta,
de repente,
como um acrobata,
agarrado às crinas do animal,
para fugir ao embate de um tronco percebido no último momento e galgo,
logo depois,
num pulo,
o selim;
galopo sempre, através de todos os obstáculos...

VAQUEIRO 1 -
Mas terminada a refrega,

restituída ao rebanho a rês dominada,
eis-me,
de novo caído sobre o lombilho retovado
outra vez desgracioso e inerte,
oscilando à feição da andadura lenta,
com a aparência triste de um inválido esmorecido.

(O Vaqueiro volta a cavalgar no ICTO TROTE MOLE.)

DUELO

(O Gaúcho-Carlos Telles entra em cena, no Sul, em estado oposto, de máxima presteza. Luz teatral dos pampas.)

GAÚCHO CARLOS TELLES
Eu, o gaúcho do Sul,
ao encontrar-te sertanejo
nesse instante,
sobreolho-o comiserado.

(INCIDENTE: Gongô, ou corneta militar de Ataque para o começo da Luta. Dityrambo Guarany Portenho X Dytirambo Tupi Negro Pardo Science Nordeste.)

(A apresentação do Gaúcho desperta novamente o Sertanejo. Formam dois antagonistas frenteando-se: um no Sul, Gaúcho; o outro no Norte e Luz Estourada dos Sertões. O Sertanejo se coloca na pista silencioso, atento a tudo o que se passa no teatro captando as energias solares, das pessoas, do espaço, inspirando e expirando conscientemente. Armazenando as forças. Ritmo e Melodias Gauchas e Ritmos e Harmonias Desencontradas Sertanejas.)

DESAFIO

GAÚCHO CARLOS TELLES
Filhos dos plainos sem fins,
afeitos às correrias fáceis nos pampas,
adaptados à natureza carinhosa que nos encanta,
as minhas vestes
são um traje de festa.

*(A roupa tem o toque militar d'A Luta.
Bombachas Botas russilhonas,
em que retinam rosetas
das esporas de prata;
Poncho vistoso
Sombreiro de enormes abas flexíveis
Lenço de seda encarnado.
Guaiaca.)*

SERTANEJO JOÃO ABADE
A minha uma armadura.

*(Alpercatas.
Perneiras de couro,
Joelheiras de sola;
guarda-pés de pele de veado.
Gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta;
apertado no colete também de couro;
Chapéu de couro.)*

GAÚCHO CARLOS TELLES
Despertamos para a vida amando a natureza deslumbrante que nos aviventa;
trabalho para nós é diversão!
Domando distâncias,
pastagens planas,

palpitando aos ventos
nossos ponchos, flâmulas
sempre festivamente desdobradas.

SERTANEJO JOÃO ABADE

Minha armadura não rebrilha ferida pelo sol.
É fosca e poenta.
Me envolve
combatente de uma batalha sem vitórias...
Mas o baile de minha luta é perfumado,
meu colete aprumado
é pele de suçuarana pintada
e no meu chapéu de couro
trago uma bromélia rubra
fincada.

(Os Homens e Os Cavalos: cavalo com arreamento complicado e espetaculoso para o Gaúcho e o cavalo de lombilho de pelo de bode do Sertanejo. O que vai se passar é um trailer de A LUTA. O Gaúcho Yang. O Sertanejo Yin-Yang. Os dois lutadores estão prontos e paramentados para o combate. O Juiz Mediador, no centro, com toque de clarim vai anunciar uma batalha de três rounds-expedições. 1º Toque.)

MIDIADOR

1º round !

(O Gaúcho precipita-se ao ressoar dos clarins com o conto da lança enristada, firme no estribo, atufando-se com um grito triunfal com despreocupação soberana pela vida. O sertanejo aguarda o golpe. O gaúcho no choque o derruba longe. Juiz mediador dá o sinal de clarim de vitória do Gaúcho no primeiro round. O Sertanejo bate o pó das vestes. Os dois combatentes voltam às suas posições originais.)

SERTANEJO JOÃO ABADE

Afeiçoado aos prélios obscuros e longos,
sem expansões entusiásticas.
Batalhador perenemente combalido e exausto,
perenemente audacioso e forte;
preparo-me sempre pra um recontro
que não venço
e em que não me deixo vencer.

MIDIADOR

2º Round!

(O gaúcho precipita-se com o conto da lança enristada, repetindo o movimento anterior. Não acerta o Vaqueiro que reage de pronto riscando o gaúcho com o facão de arrasto. O Juiz Mediador dá o sinal da vitória do Jagunço no segundo round. Os dois combatentes voltam às suas posições originais.)

MIDIADOR

3º Round!

(O Sertanejo arma-se com a lazarina. O gaúcho com a pistola. O Juiz dá as regras deste round. E inicia a contagem dos 7 passos do duelo. O Sertanejo entocaia-se.)

GAÚCHO *(Só. Perdido em cena.)*

Sou fragílimo nas aperturas desta situação inferior,
indecisa...

JAGUNÇO

(Na tocaia, mirando sem ser visto.)
Eu não.
Recuo.
Mas, no recuar sou mais temeroso ainda.
Um negacear demoníaco.

Adversário, tens,
desta hora em diante,
visando pelo cano da espingarda,
um ódio inextinguível,
oculto na tocaia assombreada,
dormindo na pontaria...

(Suspense violento.)

O MEDIADOR

Ainda não.

(Se desveste e vira juiz de futebol. Apita.)

Vamos pra esportiva.

Na melhor maneira brasileira.

(Cai um Bedengó bola-mundo do alto dos céus.)

(Outros dois atores entram vestidos com uniformes: de Gaúcho Goleiro Tafaíel Oliver Kampf e Sertanejo Atacante Camisa 10, atrás da camisa está escrito "Sertanejo". Estão prontos para uma decisão por penalty. Duas torcidas (des)organizadas formam-se entre o público no sul e no norte. São as "nações sulista e sertaneja". Gritos de guerra:)

TORCIDA DO SUL *(provoca)*

Não é mole não !

Gaúcho pica dura,

é campeão !

TORCIDA DO NORTE *(responde)*

Mato o fracote,

o sertanejo antes de tudo é um fórrti !

(as duas torcidas ao mesmo tempo)

TORCIDA DO SUL
Não é mole não !
Gaúcho pica dura,
é campeão !

TORCIDA DO NORTE
Mato o fracote,
o sertanejo antes de tudo é um fôrrti !

TORCIDA DO SUL *(provoca)*
Putaquepariu !
É o melhor goleiro do Brasil!

TORCIDA DO NORTE *(responde)*
Mato o fracote,
o sertanejo antes de tudo é...

ATACANTE SERTANEJO *(Interrompendo a torcida.)*
Um condenado a vida !

Atravesso a mocidade
numa intercadência de catástrofes.
Faço me Homem,
sem ter sido criança.
Salteou-me logo
o espantalho das secas no sertão.
Cedo encaro a existência pela sua face tormentosa.
Minha vida é uma conquista arduamente feita,
em faina diuturna.
Guardo-a como capital precioso.
Procuro o adversário com o propósito firme de o destruir,
seja como for.
Não desperdiço a mais ligeira contração muscular,
a mais leve vibração nervosa
sem a certeza do resultado,
calculo friamente o pugilato
e ao riscar da faca não dou um golpe em falso.
(O Atacante Sertanejo corre pra chutar, segura o lance. Pega a bola, joga para o alto e dá uma bicicleta mandando a bola para a parede sem saída do Estacionamento.)

TODOS
Gooooool !

(Sons de estádio em delírio com o gol. Na parede sem saída ou num pano transparente é projetado o Teatro de Estádio. O Sertanejo Atacante é carregado por sua torcida até atravessarem a projeção do estádio e desaguarem.)

Projeção de uma LOGOMARCA. A do Patrão.

(Música Tecno de patrocínio grandiloquente, solene, bela e encantada. Três vaqueiros posicionam-se na pista. A patroa entra numa lancha high-tech ao som de um tecno "Lady Speculation", acompanhada de sua secretária executiva polilíngue, com mixagem dos sons da bolsa de valores, que ela dança com uma felicidade de uma Madona mesclada com pregão da bolsa. Roupas de Verão, fashion. Som de Mar. Estilo Propaganda Chic tipo Unibanco. A Patroa dita uma mensagem que a secretária envia pelo celular. Nos seus domínios a Cyber Sertaneja Fernanda Centralina Montenegro do Brasil recebe num laptop a mensagem para os vaqueiros.)

PATROA
No Litoral do Nordeste,
o mar brisa fascínios,
longe dos meus dilatados domínios.
Herdo vício histórico,

sem cerimônia,
dos sesmeiros opulentos da colônia.
Nunca vi minhas herdades,
usufruo rendas de propriedades...
Não sou parasita
trago tudo na escrita,
no Bank Suiço.
O vaqueiro,
o rebanho,
sabe disso,
servo honesto, submisso.
Minha marca está registrada,
em Zurich,
no cartório,
e na sua alma encantada
sertanejo simplório.

(A marca do Patrão pela projeção e música ganha uma solenidade trágica, ganha o vaqueiro que está no centro da pista. Ele a copia cavando-a na terra e em seguida molda o ferro do patrão em estanho fundido ou traz um carimbo.)

VAQUEIRO 2

Nasço,
vivo
e morro
nessa quadra
vou cuidar,
até a vida acabar
fiel como a Deus,
de rebanhos que não são meus.
Honrado e abnegado,
não avalio como servidão,

VAQUEIRO 1

mas educação

(sai o tema da Patroa, fim do comercial. A percussão ataca um boi. Os vaqueiros aboiam e o gado entra)

VAQUEIRO 2

Das marcas aprendo o a b c,
nessa arte sou tremendo,
conheço os "ferros" da patroa,
e até os do vizinho tiro de boa.

(Marca três bois e vacas do público com a ajuda dos outros vaqueiros.)

(Novas marcas aparecem na projeção.)

(Entra uma vaca buchuda.)

VAQUEIRO 2

Vaca! Nunca vi da tua marca,
nem bucho prenhe assim !?
O Sertanejo é o homem mais honesto do mundo,
vou copiar essa marca num segundo.

(Copia a marca ansioso porqu a vaca vai parir. A vaca prenha dá cria. Bezerros quadrigêmeos, faz o parto do primeiro, saem mais!)

VAQUEIRO 2

Nasce um !? dois !?? três !??? quatro !????
Milagre,

só acontece no Teatro!
Um, dois, três do patrão
foi o que deu,
mas o quarto é meu.

(Alegria geral com o fenômeno. O Vaqueiro marca três bezerros com o ferro recém fabricado do patrão desconhecido e inaugura sua marca no quarto.)

Vou fazer a minha marca,
de minha invenção,
pois de cada quatro que nasce
separo uma pra mim por contratação.

Inauguração
da minha marca, praga !
Tu é minha primeira paga.

(O vaqueiro é picado pelo som do violino cupido e se apaixona pela vaca. Cena envolvente de amor.)

VAQUEIRO 2 *(Para a mãe vaca.)*

Vaca
não te levo à feira,
não te aplico trabalho;
nem te abandono
não te levo na gréia,
se não aparecer teu dono,
tu vai morrer é de véia.

(Vão se beijar quando surge o vaqueiro do criador desconhecido, com um berrante, ciumento, cortando o clima, reconhecendo sua marca.)

VAQUEIRO DESCONHECIDO

Tem a marca do meu patrão.

VAQUEIRO 2 *(desapontado e putó)*

Vai com ele vaca véia.
Ali do outro lado
tem tua ponta de gado
nascida da peste que te fugiu
todos produtos que ela pariu.

(Vaqueiro 2 abraça o bezerro que fica para ele.)

VACA BUCHUDA

Servil !
Servidão é de toda gente,
de quem nasce e nem é nascido,
de quem serve e é servido.
É evidente,
servidão inconsciente.

(Vai embora com suas crias. O Vaqueiro se despede chorando. Entra em cena a lancha da Patroa e sua assistente executiva voltando do seu passeio na Bahia de Todos os Santos com seu tema Tecno. A secretária negocia em várias línguas. A Patroa dita mais uma mensagem exigindo o ajuste de contas. Cyber Sertaneja Fernanda Centralina Montenegro do Brasil recebe)

PATROA *(vestida de inverno, em Off)*

Fim do inverno desponta,
é hora do ajuste de conta.
Não poderei dar aí nem uma passada,
eu, parte mais interessada,
mas conheço tua probidade matuto,

espero o fruto do meu produto,
contigo não tem matulagem,
envie logo a minha percentagem.

O SONHO

(Vaqueiro João Abade prepara a boiada para a levada a feira, organizando o movimento de saída. Euclides sonha Euclidinho criança na Fazenda da Saudade, nesta cena do estouro da boiada.)

VAQUEIRO ABADE E EUCLIDINHO

(Tocando a boiada.)

E cou mansão
E cou... é cão...

VAQUEIRO JÃO ABADE

Te revejo boiada unida,
de novas crias acrescida!
O que toca ao patrão
pelo trato feito
e o que toca a mim,
de direito,
Que peças vou levar à feira ?...
(Vai ao Boi Velho)

EUCLIDINHO

Aqui boi velho !
Te conheço há seis anos
e nunca te levei à feira,
amizade antiga...

VAQUEIRO

(Vai ao vendado.)
Garrote bravo
te peguei de saia,
segue mascarado,
cabeça alta
ainda me desafia ?
A compressão dos outros te guia.
(Vai ao mumbica.)

EUCLIDINHO

Mumbica claudicando ?...
No flanco um estrepe agudo !
Não vai doer,
vai no tranco,
arranco !

(O mumbica cai doente, outros bois também, Euclidinho e o Vaqueiro se preocupam. Três sertanejas catimbozeiras emergem do coro de bois e se assustam com a doença)

SERTANEJA 1

Olha o gado
Adoentado.

SERTANEJA 2

Moribundo...
Fojem os sãos,
trovejam no mundo,
pra num da coro as vara.
É o Rengue,
a vaca senta,
pára.

SERTANEJA 3

É Mal Triste ó
picada de carrapato
o Bicho está com bicheira de fato.

AS TRÊS SERTANEJAS

Epidemia.
Devasta a tropa.
Contagia.

(Todos os outros bois caem doentes. Por último, o touro vigoroso. O vaqueiro vai até a Cyber Sertaneja Fernanda Centralina Montenegro do Brasil para mandar um e-mail para a Patroa prestando contas.)

FERNANDA MONTENEGRO

Qual é o endereço de sua patroa?

(Sertanejo entrega um cartão bem moderno.)

FERNANDA MONTENEGRO

(digita em voz alta à especuladora que recebe o E-mail na sua lancha carrinho.)
ladytecnospeculation
@bahiacorporation
.com

"Patroa e Amiga

Participo-lhe que sua boiada está no despotismo
Somente quatro bois deram couro às varas.
O resto trovejou no mundo !"

ESPECULADORA *(Ao receber o e-mail.)*

What injury my Lord do Bonfim,
É pra cuidar do rebanho
que você é pago por mim.
Oh My God,
vou dar murros !
I want my profits
with juros !

(O Vaqueiro pede a cura dos bois. Entra o feiticeiro. Um BOI de BUMBA MEU BOI começa a dançar. Tambores Xamânicos, fumaça, muita fumaça, o vaqueiro feiticeiro dança e canta.)

VAQUEIRO FEITICEIRO OMULÚ

Sei de específico, eu curo
mais eficaz que o mercúrio:
reza d'entrá no espírito do boi.
(O coro canta responsório)
Não precisa nem ver o animal doente.
Mira na direção que ele está, sente,
pega o que pesa, reza...

(Todos rezam cantos mântricos, polifônicos em várias direções.O Boi Bumbá risca uma cabala, dançando.)

Cabala riscada co'mastro
cura cura pelo rastro,
cada pata do bicho no chão,
dois gravetos descruzados pra cada pisão.

AS SERTANEJAS

Estrela da doença,
Brilha Brilha
Me queima,

Encavala em mim,
te quero só pra mim.
Doença minha paixão !
Devora o meu coração..
Sai Saúde,
num quero num quero que
ninguém me ajude !
num quero num quero que
ninguém me ajude !

(O Boi bumbá toma toda a peste do mundo, estrebucha, vomita, agoniza, mas os tambores, os gritos, fumaças, caxixis trazem uma dança do Diabo Frenético da Vida. O bruxo sai do Boi, vivo, a doença toda ficou no vodu da fantasia. Os Bois mugem de Alegria com a volta da Saúde. Fim de um sonho-pesadelo.)

EUCLIDINHO *(Ao Touro Vigoroso.)*

Ei Touro Vigoroso !
Caminha folgado,
todos te respeitam,
abrem em tua roda um claro.
Inveja de toda a redondeza.
Armas cheias de terra,
deu guampaços cabeludos
na luta com chifrudos.

(Entra Dilermando ao Norte da pista fazendo parte do sonho premonição de Euclidinho)

(Pra toda a banda.)

Conheço vocês todos,
meus confidentes,
cada um revive um incidente,
pormenor maior da minha vida
de hoje a daqui prá frente.

E cou mansão
E cou... é cão...

A Arribada - DELÍRIO DA LUTA

(O INCIDENTE: Barulho do tiro de Dilermando. Euclides Menino se assusta num vôo rasteiro. Foge gritando no meio dos bois como um Aracuã.)

FEITICEIRO

Planos cheios de vibrações do ignoto,
Prolongado rumor de terremoto.

VAQUEIRO JOÃO ABADE

De súbito,
em centenaes dorsos luzidios,
ondula um frêmito sulcando,
estremeção repentina.

Há uma parada instantânea.

Nada explica.

O incidente mais trivial,
a corrida do menino esquivo:
súbito vôo rasteiro de Aracuã,
uma rês se espanta !

E o contágio,
uma descarga nervosa subitânea,
transfunde o espanto sobre o rebanho inteiro.

Entrebatem-se,
enredam-se,
trançam-se
e alteiam-se
fisgando vivamente o espaço !?
Inclinam-se e embaralham-se
milhares de chifres !

Vibra uma trepidação no solo;
a boiada estoura. . .

CORO BOVINO

Solavanco único,
assombroso,
atiramos,
de pancada,
adiante,
revoltos,
misturados, embolados,
vertiginosos disparos,
nossos corpos maciços,
normalmente tardos e roliços.

E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.
E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.

Acamamos as caatingas,
árvores dobradas,
partidas,
estalando em lascas e gravetos;

E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.
E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.

de repente desbordamos as baixadas
marulho de chifres;
estrepitando
britando
pedras esfarelado,
torrentes de cascos
roçamos rochedos altos.

E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.
E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.

Destruímos em minutos

feito montes de leivas,
antigas roças penosamente cultivadas.

Extinguimos,
em lameiros revolvidos,
ipueiras rasas.

E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.
E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.

Abatemos, apisoados,
os pousos
que vão esvaziando-se dos habitantes espavoridos.

E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.
E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.

VAQUEIRO JOÃO ABADE
Vôo sobre este tumulto,
arremessado
impetuoso
na esteira de destroços dessa avalanche viva,
numa disparada estupenda sobre barrancas,
e valos,
e cerros,
e galhadas,
de ferrão enristado,
rédeas soltas,
soltos os estribos,
estirado sobre o lombilho,
preso às crinas do cavalo.

Já tenho companheiros em associada
escutaram o estouro da boiada.

CORO BOVINO
E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.
E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.

VAQUEIROS PAJEÚ, JOÃO GRANDE, ESTEVÃO
Renovamos a lida:
novos esforços,
novos arremessos,
novas façanhas,
novos riscos
e novos perigos a despender,

a atravessar
a vencer.

OS BOIS

E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.
E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.
Milhares de corpos que são um corpo único,
monstruoso,
informe,
animal fantástico,
precipitado na carreira doida,
rolamos surdamente pelos tabuleiros
ruído soturno longo de trovão longínquo...
E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.
E vamos lá,
E vamos lá,
não há mais conter
ou alcançar.

*(O boiadao estaca inteiramente abombado. Pausa. Sonho de Cio. Volvem os vaqueiros ao
pouso, na rede bamboante sente todo o entorno. Trazem lençóis e uma panela de Jerimum
com Leite.)*

DYTYRAMBO PREGUIÇOSO DO ÓCIO

(Há uma rede e muitos lençóis.)

PREGUIÇA SERTANEJA E CORO *(cantam)*

Cheiro, Cheiro um Cheiro
Ocio, Cio, Cio, cio
Ocio, Cio, Cio, Cia

Nada de seca !
Quadra propícia.
Preguiça, preguiça
viça o "panasco"
viça o "mimoso"!
viça a Preguiça

PREGUIÇA SERTANEJA E CORO

Ocio, Cio, Cio
Ocio, Cio, Cio
Cia.

SERTANEJA PREGUIÇA *(canto)*

Deusa Preguicia
estrela guia
de todos os atores,
meia lua
meia nua
rede e rua.

*(A Sertaneja olha bem pro público da rua, como deusa e se achega na rede com a panela
cheia de doce. O sertanejo e a sertaneja se cheiram e se degustam, no gosto, do gosto.
Quando o sertanejo vai beijar a mulher ela lhe põe o doce com a colher de pau na boca
ele sorve com tesão.)*

Jerimum com leite.
Aceite.

VAQUEIRO JOÃO ABADE
Jerimun com leite!
Gósto com gosto,
do Gosto,
como gósto,
gósto, como...
(avisando ao público)
Vamos refinar a ociosidade,
nos braços da Preguiça benfazeja...
Quem quiser servi se sirva,
gosto não sirvo,
gosto se serve...

EUCLIDES *(Fala, para todos, público principalmente.)*
Vamos passar as horas
agora
matando,
na significação completa do termo:
o tempo.

PREGUIÇA SERTANEJA E CORO
Ocio, Cio, Cio
Ocio,Cio, Cio
Cia.

(O Espetáculo desespetaculariza-se, é so o jogo não representado da calma da preguiça, grau zero de tudo, quem quiser jerimum que se sirva, não tentar estimular o público a outra coisa que não seja o culto à Deusa Preguiça. Ficar sem fazer nada, refinar a preguiça, viajar nela... Alguns atores na brincadeira vão brincando com seus lençóis que jogam por cima dos que estão entrando na viagem, do público, fazendo grupos encobertos de sexo aberto, até virarem os Encamisados.)

M O M I C E
(Frevo Árabe)

ENCAMISADOS MUÇUL-MANOS E ENCAMISADOS CRISTÃOS
Para todos Carnaval,
nascido em Portugal,
Momice,
Grande Tolice
Grandississima Cretinice
Tudo rápido demais
Tempo, Metrô, Guerras fatais ...

MUÇULMANOS
Alá Alá
Muçul-Manos
Alá Alá
Cobertos com panos.

CRISTÃOS CRUZADOS COWBOYS
Ave Cristãos Cruzados Cowboys
Ave Ave Ave Brancos Lençóis

ÁRABES MUÇULMANOS
Faz se noite,
Açoite, chinelos
Nas'arquibancadas Castelos.
Teatro rua,

a guerra continua

ENCAMISADOS CRISTÃOS

(Lanternas na mão.)

Cruzados Cristãos
Defendemos os castelos
Contra os pagãos

ENCAMISADOS MUÇUL-MANOS

(Tochas na mão.)

Jihad Pagãos
Fossados pros Castelos dos cristãos

(Nichos das estruturas da platéia que os muçulmanos atacam. Americanos do norte cruzados cristãos romanos saem mais rápido do ócio e vestem-se em lençóis à maneira romana virando polícias para garantirem a ordem, com lanternas, capacetes e lanças. Os muçulmanos usam tochas. Confrontam-se. Lutam um recontro de disputa de territórios, provocações, brincadeiras, carinhos, sacanagens encobertos nos panos, terrorismo da paixão. Os cristãos fazem tudo pra descobrir os panos muçulmanos, lutam pelo tempo-dinheiro, hora de metrô, tocar em frente o espetáculo. Os muçulmanos fazem tudo para se meter nos lençóis dos cristãos.)

ENCAMISADOS MUÇUL-MANOS E ENCAMISADOS CRISTÃOS

Para todos Carnaval,
nascido em Portugal,
Momice,
Grande Tolice
Grandissíssima Cretinice
Tudo rápido demais
Tempo, Metrô, Guerras fatais . .

CATERETÊ

SOLTEIROS E SOLTEIRAS

(Em fileiras opostas.)

Ô Ô ô Cateretê Catira
Gira
Ô Ô ô Cateretê Catira
Gira
Solteiro e Solteira
Cateretê
a noite inteira.
Cateretê Cateretê Cateretê
Cateretê Cateretê Cateretê
Cateretê Cateretê Cateretê
Cateretê Cateretê Cateretê
-Cê tem o quê para gastar?
-Perequetê.
-Cuméquefica pica rica?
-xota bóta,
-cê-u cú
-ocê jacú
Ô Ô ô Cateretê Catira
Gira
Ô Ô ô Cateretê Catira
Gira
Solteiro e Solteira
Pra que casar ?
Vamo ali na pirambeira.

SAMBA

SOLTEIROS E SOLTEIRAS

(As fileiras se juntam em roda.)
vâmo sambá,
samba turbulento,
samba juntinho qu'eu t'esquento.
Ai méte méte méte mão,
no pandeiro e no machete,
passa a mão na internet
e manda um e-mail
prá Elisete
vâmo sambá,
samba turbulento,
samba juntinho qu'eu t'esquento.

BAIÃO

Num carece nem casá,
pra ter tudo o que é de bão
vai machete, vai zabumba,
chora choro choradinho
chora chora o meu baião.

OS CASADOS

(Recebidos com salvas de ronqueiras.)
Compromisso é compromisso,
trago toda "obrigação",
prá dançar a noite inteira,
se perder pelo salão,
a Lua e as estrelas
são a minha proteção,
se cair nessa fogueira,
acabô a salvação.

CORO

O terreiro bem varrido,
é lugar do alarido,
revestido de ramagens,
tamboretas e imagens,
largos tragos da teimosa,
na noite transbordosa.
vai despontar o dia
tudo fica cor de rosa

XAXADO

SAPATEADORES

(ressucitando a festa)
Sapateadores Coletivos
Sapateatos muito Vivos
Sapeia Sapateador
No Xaxado até a Dor
Salta o Salto sem Sapato
Bata a Pata nesse Mato
Sapateato pá Pagode
Sapateia o nosso Bode.

CORDAS HENDRIXAXADAS DANÇANDO CÔCO MERGULHÃO

UM CABRA

Cabra berro Destalado
Deixo o Povo Perturbado
Ralho Malho a Viola.
Sola Esfola Cambriola.

(Solo de machete elétrico.)

SERENADA

AS CABOCLAS BONITAS
Pros caboclos as morenas,
serenam serenas,
em meneios vagarosos,
c'os cabelos phoderosos.

REVOLUTEIO

O SERTANEJO MOÇO
Sertanejo muito moço,
cheiro um cheiro teu pescoço,
revoluteio,
agarrado
corado envergonhado
mas c'o bicho alevantado.

(Entra Sertanejo com "a argolinha" de grinalda pendurada num bastão.)

ARGOLINHA

Eu sou uma argolinha,
faço bem um Bem Casado,
quem acerta minha rosquinha,
leva um beijo apaixonado
e me assume
e me assume
meu noivado.

(Dois adversários montam em cavalos e disputam frente a frente com bastões a argolinha-grinalda. Quem ganhar coroa e beija a argolinha.)

Desafios

(Dois cantadores improvisam o Desafio. De preferência com alguém do público. O texto que vem é só um guia de temas.)

CANTADORES

Sertanejo desentope
Rap hip hip hop
Rima rima obra prima
Cinco séculos de mote

CANTADOR 1

Cantadores muito rudes,
sabidos no mesmo páreo,
enterreiram um ao outro,
na febre de adversários.

CANTADOR 2

As rimas saltam e casam !
Se descasam em muitas quadras !
Um bale o outro ladra
Sopra um verso que enquadra !

CANTADOR 1

Nas horas de Deus, amém,
Não é zombaria, não!
Desafio o mundo inteiro
Pra cantar nesta função !

CANTADOR 2

Pra cantar nesta função,
Amigo, meu camarada,

Aceita teu desafio
O "fama" deste sertão!

CANTADOR 1

Nem o começo é de "A Luta"
Tem 1a 2a 3a e 4a expedição
mas o dia com a noite já disputa
um verso de luz ou a escuridão.

CANTADOR 2

Até que um bardo se engasgueia
numa rima torta tosca feia titubeia
repinico o machete
agasalho o croquéte
Valancha de riso me adota,
saúda a vitória da minha derrota.

(A sericóia canta o Destino de um Desatino)

A SECA

RIOBALDO

Barra vem quebrando,
sinal d'ir debandando,
Diadorim, combinado,
cada um vai prum lado?

DIADORIM

Riobaldo, ainda não, depois
não tem mais lado, tem dois,
que não me perca eu em veredas,
pra todo sempre sem tino.
A sericóia canta
o destino d'um desatino.

(A Sericóia canta de novo.)

RIOBALDO

O flagelo está desencadeando.

DIADORIM

Já cheiro o bafo d'Ela ventando.
Prefixo coisa ruim,
Num Ritmo ! Nunca vi assim.
Não é hora de ir embora,
de quem se gosta agora.

(A Sericóia canta de novo.)

(Abrem-se as portas do teatro, surge uma figura assustadora, um Shite-fantasma do teatro nô japonês: um Espantalho vivo. É a SECA. Ela usa um parangolé de folhas e galhos secos que se arrastam fazendo um chiado ao se esfregarem no chão. No rosto uma máscara que chora e gargalha ao mesmo tempo, que grita um silêncio seco. A banda toca o tema da Seca "A temperatura aumenta..." num andamento mais lento e pesado, levado numa batida monótona de surdo. Ventanias rolam de todos os quadrantes trazidas por El Niño.)

O video projeta varrendo a pista imagens dos índices das bolsas de valores de vários países, intercaladas com dados dos mortos nas grandes secas mundiais.

Nasdaq: fecha em alta em índice tal

X mortos na seca da Índia

Dow Jones: índice tal

de 8 a 20 milhões de mortos na China

Bovespa: índice tal

tantos mortos no Nordeste

Junto com a projeção, sons da especulação histórica dos funcionários da bolsa de valores.

(El Niño, Menino Jesus, dança sobre a projeção. Silêncio. Cessa som e projeção. A SECA anda lentamente, dá poucos passos, entrando no teatro e parando logo, no extremo da pista. As portas se fecham. Todos estremeçam com a sua presença. Os sertanejos se reorganizam, formam um coro no outro extremo do teatro. Do coro se destaca um Corifeu, que fica frente à Seca, a longa distância.)

SECA

El Niño do Pacífico me traz em seus Haustos,
vem comigo o Holocausto.
O Holocausto dos Holocaustos,
O Holocausto Colonial,
Milhões e milhões vão perecer no Final,
No Nordeste do Brasil
Na América Central
Na África
Na Ásia
Na cintura Equatorial
Zona Tropical.
Mas trago prosperidade,
da Bela Imperial Idade
para A Europa e a América do Norte.
No Nordeste viro Indústria de Porte
Indústria da Fome,
Que come "O Homem".

CORO

Seca,
não me apavoras pavorosa,
só complementas minha vida tormentosa.
Vou enfrentar teu transe,
onde tu mais range,
numa luta inesquecível,
resistência impossível.

SECA

Vai terminar tudo de repente
num sangrento poente.
Genocídio.
Suicídio.
Anomalia é o homem não se afeiçoar,
às calamidades naturais que vem pra selecionar .
São leis da ciência positiva do Hemisfério Norte,
os Fracos serão sempre vencidos pelos Fortes.

CORIFEU *(Enfrentando a SECA.)*

Te estudo,
pra te conhecer,
suportar,
suplantar.
Seca,
anuncias o Holocausto
desta vez ele vai apodrecer,
de exausto.

CORO

(Fala como na eminência de uma guerra.)
Na serenidade pra luta,
antes do solstício de verão,
fortalecemos muros,
cacimbas, açude,
roçados amiúde.
Arregoamos a orla dos ribeirões

faixas de solo arável aos montões.
Estamos preparados
para as plantações ligeiras
à vinda das chuvas primeiras.

CORIFEU

Olhar atentos pros céus gigantes
Longamente pra todos quadrantes;
Advinhar o futuro
esquadrinhar na paisagem
o traço mais duro

CORO

os mais fugitivos
sinais comemorativos
da moléstia cíclica da guerra,
da sezão assombradora,
da Terra.

(A SECA retoma o passo lento, se aproximando do CORO.)

CORO *(Tentando parar o passo da SECA.)*

"Chuvas do caju" chegam.

Benvindas sejam.

(A Secca queima a chuva com um gesto.)

Não deixam traços !

Pintam as caatingas,

queimadas guimbas,

cinzeiros,

numa combustão abafada.

sem dramas

nem chamadas.

CORIFEU

A armadura de couro
endurece aos ombros,
esturrada, zonze
rígida,
courageira de bronze.

MASCHA

(Falando com as aves.)

Aves emigram pra longe na alvorada.

Adeus pombas bravas adoradas,

prelúdio da nossa desgraça,

voltem logo,

ela vem mas passa.

(A SECA retoma o passo, com a monotonia do surdo agravando a passagem do tempo.)

CORO

Teu ritmo acentua-se num crescendo...

Esperamos,

resignados,

o dia 13 de dezembro.

(a SECA vem caminhando seu passo tardo. Os sertanejos esperam. De repente a SECA pára, os sertanejos abrem um corredor e se abaixam, por trás deles vem Santa Luzia.)

CORO *(canta com alegria)*

Rainha da eterna glória

Mãe de Deus, doce clemente

Dai-nos água que nos molha

Dai-nos pão que nos sustente...

(Santa Luzia, uma outra espécie de Shite, traz num prato seus dois olhos arrancados, percebe e enfrenta a SECA, cega, todos estão abaixados ficando em pé apenas as duas. Luzia recoloca os olhos nas órbitas oculares, vê a Seca. Fazem um gesto de saudação uma para a outra.)

SANTA LUZIA -

Dia 12

ao anoitecer

exponho ao relento,

em linha,

seis pedrinhas de sal,

dos seis próximos meses.

Ao alvorecer observo:

se estiverem intactas,

pressagiam a seca;

mas se a primeira apenas se deliu,

transmudada em aljôfar límpido,

é certa a chuva no mês que vêm,

se a segunda, no outro mês também,

se a maioria ou todas, nosso desejo,

é inevitável, o inverno benfazejo !

(Amanhece, a luz revela as pedras que viraram gelinhos.)

CORO *(Canta com mais alegria.)*

Rainha da eterna glória

Mãe de Deus, doce clemente

Dai-nos água que nos molha

Dai-nos pão que nos sustente...

(Entram Euclides e George Gardner.)

EUCLIDES

Essa experiência é belíssima !

Tem no consórcio

da ciência co'a arte,

parte.

(Para George)

E é aceitável, olhe,

dela se colhe

a maior ou menor dose

de vapor d'água nos ares,

e, dedutivamente, repare

probabilidades maiores ou menores

de depressões barométricas nos arredores,

capazes de atrair,

mãos às luvas,

o afluxo das chuvas.

GEORGE GARDNER *(Como um Aikyogen cômico, entra em cena trazendo seus complexos instrumentos de medição barométrica, aproxima-se das pedras derretidas e confere o que registra seus instrumentos.)*

Non !

Non !

Luzia mentiu !

CORO

Ante esse seu pior vaticínio,

aguardamos,

sem patrocínio,

o equinócio da primavera,

pra definitiva consulta a atmosfera.

(Todos aguardam. A luz e a música fazem a passagem de três longos meses, botando movimento onde todos estão estáticos entra São José, com Menino Jesus El Niño no colo, cajado, cornos na cabeça, para anunciar a tragédia:)

CORO

Meu São José aventurado
Hei de te amar
Ó corno
abençoado

SÃO JOSÉ

Soy San Jose,
Cunhado Santo,
per el Espirito Santo,
Padre d'El Niño Jesus.
Hoy es mi dia,
el Dicenueve marzo.
Vamos bater las 12 pancadas de las horas.
Si llover, será lluvioso invierno afuera:
Si el Sol atravesar el firmamiento claro,
esperança, muera,
vendrá desamparo.

(Bate as doze horas com o seu bastão na Terra enquanto o sol carregado por Heliogabalo atravessa de ponta a ponta o teatro. Muda o ritmo da espera de Godot.)

CORO

A seca é inevitável.

(A SECA retoma o passo juntamente com o Sol.)

CORIFEU

(Se preparando para a guerra.)
Salto da minha vida quase morte,
Com a placabilidade superior dos fortes,
Não sou mais o indolente incorrigível
encaro a fatalidade incoercível.
Nem o impulsivo violento
aceito uma luta que vai durar longo tempo.

(Coro encara a SECA que se aproxima.)

SECA

A insurreição da terra contra o homem.

CORO

E do homem contra a terra.

CORO *(Ajoelhando-se diante da SECA.)*

No começo rezo, revezo
olhos postos na altura,
ou na baixura.

Penitentes

Impacientes

CORO *(Preparando-se e terminando em procissão para esconjurar a Seca como para uma guerra. Ditirambo guerreiro religioso, ICTO de ataque TECHNO.)*

Santos milagreiros,
cruzes medalheiros,
andores erguidos,

hino
bandeiras do Divino
(A procissão parte.)
Lá vamos nós agora,
descampados em fora,
famílias em desvairio,
não já os fortes e sadios,
(chamando)
velhos
combalidos,
enfermos,
claudicantes, fodidos
carregando à cabeça
as pedras dos caminhos,
Penitentes
Impacientes
mudamos nossos santos
duns
proutros cantos.

(O coro se divide em dois grupos, cada um com um santo, Sta Luzia e São José. Eles trocam os santos. Destrocam. Nada acontece. A SECA continua seu andar. Os dois coros rezam aos pés de seus santos.)

CORIFEU

Mas os céus persistem sinistramente claros.
Progride o espasmo assombrador da seca.
Bois sucumbidos,
pescoços dobrados,
no chão acaroados,
mugidos prantivos e mágoa, mágoa,
"farejando a água"

CORO *(encorajando-o)*

Sem que se lhe amorteça a crença,
sem duvidar da Providência
apreste-se ao sacrifício!

CORIFEU

Água água
Atingi na sondagem !
(Todos trazem bogós para colher a agua que é pouca. Continua cavando.)
Esbarrei numa lajem
(Vai pra outro lugar. Mete a enchada)
Um lençol, um oceano
olhem,
(o Coro corre até o buraco)

CORO

Um líquido subterrâneo...

A SECA

Está desaparecendo
Evapora,
o solo suga...

CORO

Valha-me Deus
Meu São José
Minha Santa Luzia
quanta água!
Mas já se esvazia!...

CORIFEU

(Some no buraco, volve, por fim.)
Me enterrei
Me desenterrei
à beira da própria cova que cavei.
(clama desesperado)
Água! Água!

URBANA MASHA
(Traz numa tijela a farinha de guerra, apanha um punhado nas mãos.)
Tem uns manelos de paçoca,
farinha de guerra,
não te afrouxa.
A caatinga, é nosso celeiro agreste,
podemos talhar mandacaru em pedaço,
dar rama do juazeiro pros bois com fome, ó
fazer o pão sinistro: o "bró"

(A prole está faminta. As crianças choram de fome.)

CRIANÇAS *(chorando)*
Bróóóóóó!!!!

1a COMUNHÃO

(Macha derruba um caules de ouricuri, rala, amassa, cozinha, faz o "bró". A Ninfa está finalizando um colar de coquilhos. A Sertaneja corta um xique-xique. O Corifeu colhe o coração de uma bromélia selvagem.)

SERTANEJA NINFA
Vai inchar o ventre,
empanzinar o faminto
num enfarte ilusório.
Prefiro coquilho.

(A Sertaneja serve o sumo do xique-xique.)

SERTANEJA
Sumo do xiquexique.

NINFA
É amargoso !

(A Ninfa serve o coquilho. O Sertanejo traz o coração da bromélia. Macha traz o bró. As crianças comem. Se empanzinam.)

CORIFEU
Coração de bromélia selvagem.
Bárbara iguaria.

NINFA
Porcaria...

CRIANÇAS *(Arrotando satisfeitas.)*
Bróóóóóó

(Corifeu bebe o sumo do xiquexique, enrouquece.)

CORIFEU
Chega.
Já enrouqueci.
Acabou minha voz.
Não vão beber que vão tudo ficar rouco como eu.
Nada a fazer.

SECA

(Com o sol a pino.)

Meio Dia. Anéis.

Coro de cascavéis !

(Coro de cascavéis guizam xamando contracenando com a luz. Noite. Todos se deitam pela pista. Surgem morcegos atacando em manobras de rapel.)

(Sussuarana vem atacar bezerros e novilhos a beira da rancharia pobre.)

CORIFEU

(Afugenta, espanta, precipitando-se com um tição aceso.)

Tu não recua?

(Pega uma espingarda e faz pontaria na onça)

SUSSUARANA

Atira !

Se teu chumbo não me traça,

vou Invencível,

em cima da fumaça.

(CORIFEU Troca de arma. Pega à mão esquerda a forquilha e à direita a faca. A sussuarana dá o bote e ele apara-a no ar, trespassando-a de um golpe.)

CORIFÉIA DA HEMERALOPIA

(À medida em que vai cantando a luz acompanha os movimentos causando os efeitos cantados, na família, coro e corifeu e no público.)

Nasce o dia claro,

Luz crua ondulando fogo sobre a terra nua.

Vejo,

vejo demais !

É uma pletora do olhar !

O Sol se esconde na chapada,

não vejo mais nada ?

Noite me afoga inteira,

Cega Cegueira,

moléstia da agonia,

Hemeralopia.

Primeiro lampejo do levante,

dia da minha noite,

Cante

Estou vendo

minha vista está revendo,

Nasce o dia claro,

Luz crua ondulando fogo sobre a terra nua.

Vejo,

vejo demais !

É uma pletora do olhar !

O Sol se esconde na chapada,

não vejo mais nada ?

Noite me afoga inteira,

Cega Cegueira,

moléstia da agonia,

Hemeralopia.

Mas vem o dia

Vai Hemeralopia !

CORO

Renasce energia !

CORIFEU

Me parte o coração
só de olhar para o cavalo.
Sigo,
a pé agora.

BOIS

-Bois espectrais da hora
não se sabe como vivos,
-Bois sob as árvores mortas caídos,
(Mal soerguendo o arcabouço murcho sobre as pernas secas.)
-Bois marchando vagarosos,
cambaleantes e teimosos
-Bois mortos há dias
os urubus bicando bicando
acabam rejeitando
não rompem a bicadas
nossas peles esturradas;
-Bois jururus,
em roda da clareira de chão entorroadado
onde foi a aguada predileta do passado.

CORIFEU

E o que mais dói,
vocês ainda me procuram,
me circundam,
confiando,
urrando,
chorando,
esse longo apelo de emoção,
Mas que eu faço,
mansão ?
Rolos de fumo se enovelam,
galhos secos dos espinhos se liberam.
Podem ir para o pasto,
é vosso último repasto.

(Os bois vão para o meio da fumaça enquanto os retirantes surgem dela.)

SECA

Tudo se esgota,
a situação não muda,
é a mesma de antes...
Assoberbado de reveses, dobra-te afinal.
Passa a tua porta a primeira turma de retirantes.

RETIRANTES

Somos muitos,
uns após outros,
desaparecemos nas clareiras
numa nuvem de poeira.

SECA

É o sertão que se esvazia.
Não resista mais.
Vá via !
Amatula-te num daqueles bandos,
que lá se vão formando
veredas de ossadas debruando,
siga no êxodo sem guarida
onde não te mate meu sol

elemento primordial da vida.

CORO DE RETIRANTES

Você acredita
que aí vai ficar
todo dia
aguentando esperar
por um milagre santo
não fico
me vou
pra qualquer canto
onde possa
cantar
sem a garganta
secar
Até qualquer dia
te encontro lá
É o sertão
que se esvazia
aqui não dá
Até qualquer dia
te encontro lá
É o sertão
que se esvazia
aqui não dá

CORIFEU E A PROLE QUE FICA

Novos males vos aguardam,
cadáveres a beira dos caminhos,
vossas Hordas invadindo cidades,
estradas bloqueadas,
evitados como leprosos,
represas Humanas sem água
Prontas a irromper,
e morrer...

RELIGIÃO MESTIÇA

(Os retirantes partem. Retoma-se o tema musical da seca com o toque grave do djeridú. A SECA se aproxima do corifeu e lhe dá um longo beijo na boca. Ele dobra os joelhos e cai. O Corifeu e sua família ficam, apenas com a presença forte da SECA e de seu tema levado na monotonia do surdo. A SECA vai até o fosso e lá começa a dançar o parto de seus demônios.)

CORO FAMÍLIA

Ilhados
por todos os sertões
que carregamos conosco
onde quer que se vá
onde quer que se fique...
nossa cabeça cria
a cada instante
miragens sombrias
aterrorizantes

(O toque monótono dos tambores começam a variar, quebrar, em novas sonoridades: batidas indígenas, pontos de candomblé, músicas de bruxaria branca, judaicas, árabes...)

Ditirambo da Gira

Cabeça gira
Ziquizira
Ziquizira
Cultiva nosso último pasto,

apêlo,
fertiliza nosso próprio flagelo
imaginação brotas estranhos produtos
estranhos frutos...

(ICTO Multirítmico do mundo da feitiçaria das camadas recalçadas negras, indígenas, bárbaras da rocha viva em liberação. Por debaixo da SECA começam a nascer brotar os seres sinistros da religião mestiça: Caapora, Saci, Lobisomem, Mula-sem Cabeça, Comadre Fulozinha, Curupira e outras criaturas do imaginário popular, a Mulher-de-Branco, defuntos desenterrados, zumbis, vampiros, etc, vão surgindo de todos os cantos do teatro, vindos de cima de baixo dos lados. Interagindo uns com os outros, e com o público, eles dançam, cantam, uivam, balem, produzindo sons sinistros que constróem a música deste Baile de Fantasias. O Lobisomem e a Mula-sem-Cabeça correm um atrás do outro o tempo todo. O Caapora fuma cigarro de palha, bebe cachaça e ataca as pessoas com cócegas, os Sacis roubam o público sem serem percebidos. A Mulher-de Branco dança com Euclides.)

(De dentro do fosso sai o Encourado, o Que-Diga, o Mil-Nomes)

DIABO
Diabo,
trágico emissário do racor celestial
dominando a revivescência geral
Em comissão na terra

CORO
Ferra! Ferra!

CORO FAMÍLIA *(Acende velas traçando um caminho iluminado, desfazendo o baile. S. Campeiro entra em cena.)*

São Campeiro !
Padroeiro!
atenda nosso pedido,
descubra onde está
nossa cabeça perdida.

(S. Campeiro caminha acompanhado por todos procurando. Acha o buraco do beco. É aqui.)

Ditirambo da Gira

CORO DE ENTIDADES E FAMILIA

Cabeça gira
cria
procria
recria
colônia
Baixou o Santo!
negro amarelo branco
cabeça decepada
por c'roa contaminada.
Branças pestes
Prestes incarnadas
bruxarias
heresias
vindas maresias
emanando os corpos
dondas d' spanto,
fadados da c'roa
fadando,
sangrando,
coloniando,
todo canto.

GIRA DO PLANETA

CORO DE PUPILOS ESTÚPIDOS DA DIVINDADE

Cabeça gira
gira
gira o globo séculos,
gira o globo
gira três séculos
gira o globo
gira cinco séculos,
gira o globo,
Socorro !

(No centro da pista uma criança da Família Sertaneja, nessa gira cabalística, desprende-se de sua alma, e cai morta.)

despeamos da gira geral
da evolução humana universal
giramos
n'outra estratosfera
iluminados doidos
viramos
no apelo constante
pro maravilhoso
do instante
coisas de inferioridades
de pupilos estúpidos de divindades
morte e vida
mesma irrealidade
que vira
que gira
que pira
ziquizira !

(A mãe enfeita a criança com apetrechos de anjinho. Coloca duas velas de carnaúba ao lado dela, e coroa o corpo de flores.)

PROCISSÃO *(cantando com alegria)*
A terra é o exílio insuportável,
o morto um bem -aventurado.

MÃE
Hoje é um dia de festa
entre minhas lágrimas
ressoem jubilosos machetes,
samba referve turbulento ricochete;
(Entra o mantra afro. Nossa Senhora vira IEMANJARA)
Anjinho você é o espelho,
do último sorriso paralisado do fedelho,
felicidade suprema d'entrar no véu,
pra felicidade eterna do céu!

(A Noiva, mulher de Branco, atrai a alma da criança que se levanta com um tamborim que a mãe lhe pusera nas mãos e galga os degraus da escada da subnda ao céu de Pixinguinha de um samba canção com o pulso suave de Marina-Martinho da Vila. O corpo é enterrado, sem a coroa de flores de defunto, que fica marcando o túmulo. O samba cresce para música celestial para São Pedro.)

ALMA DA CRIANÇA
São pedro, São Pedro,
eu hei de gritar,
abre a porta que eu vim
com o meu tamborim.

ALMA DA CRIANÇA e MULHER DE BRANCO
São pedro, São Pedro,
eu hei de gritar,

abre a porta que eu vim
com o meu tamborim.

CORO

São pedro, São Pedro,
eu hei de gritar,
abre a porta que eu vim
com o meu tamborim.

MÃE

Abre a porta São Pedro !

CORO

E quando eu lá chegar
Vai haver carnaval sensacional
Porque no fundo o samba
É doutro mundo
No céu há de haver um lugar
Para a gente sambar
Quando a vida chegar ao fim
São pedro, São Pedro,
eu hei de gritar,
abre a porta que eu vim
com o meu tamborim.

*(A luz também celeste atinge o ápice. O Teatro está todo iluminado.
O Coro converge em torno da Coroa. Abre alas para a passagem de um homem, João Antonio Santos Mulata, que samba sapateando sobre o caixão. João Ferreira pega a Coroa do defuntinho e a bota na cabeça, prega e desprega para todos.)*

JOÃO FERREIRA

Ninguém pode freiar
nossos espíritos frágeis
susceptíveis
sequiosos
daquilo,
que eu sei,
nos espera
soterrado
esquecido
massacrado
embaixo dos nossos pés
dos nossos olhos
dos nossos corpos sanguíneos.
Mestiço como meu cunhado
Eu, João Ferreira
venho transtornado
transviado
transhumanizado
para lhes dizer
exatamente
aquilo que vocês querem
ouvir
falar
experimentar
mas até agora
não quiseram
não souberam
não puderam
confessar
mas hoje eu quero ver
nos olhos de cada um
aqui
presente

aquilo que se esconde
enterrado
por trás
de cada olho
a imoralidade
os desejos mais secretos
perversos
sacanas
pois é isso
é o jorro disso
em forma de sangue
de esperma
merda
mijo
e vômito
é o jorro do desejo
de cada um
todos
que vai rasgar aquela pedra
derrubar as duas torres
para que possa emergir
um reino de riquezas
desencantado
real
o fim de toda hipocrisia virulenta
Vamos irrigar com nossos jorros
as pedras
e todo território
todos os campos inférteis
desse nosso entorno
entornando o sangue quente
de nossas vidas
enfim vamos nos transmutar
no que mais queremos:
Não tenham medo de querer
De querer poder
Phoder
Renascer
Aquele grande cabaço
só irá romper
com nosso jorro fértil
nosso mênstruo
Ninguém é mais de ninguém
por que
de baixo dos nossos pés
Dom Sebastião ressurgiu
para passar
no fio da espada
cada pescocinho hipócrita
que não acreditar no phoder
da nossa anarquia
coroadada
Vocês não percebem?
O reino já está levantando
emergindo
lentamente
continuem
o jorro
virginal de vossos filhos
da puta!

Mães,
ergam seus filhos pequeninos
e procurem a primazia do sacrifício.

(As mães correm contra o muro e atiram seus bebês. Algumas os lançam do alto do teatro na pista. Do fosso sai um EGUM.)

EGUM

É pra este momento
o desencantamento,
O Trovão da anticlinal
mas Pedra pede, eu sei,
o sangue do coroadado Rei
agora, no final.

(João Ferreira se assusta, os dois capangas o pegam, levam em frente a Pedra. Ele se debate, resiste. Passam a faca em João, o sangue jorra no EGUM. Em grandes convulsões, João cai no chão, depois de LONGO tempo finalmente se aquieta.)

CORO

Onde está
Onde está
Onde está
O meu rei ?
Era moço
Bonito
Criança
Desapareceu
De nome Dom Sebastião
Onde está
Onde está
Onde está
Quem é
Quem é
Meu deus ?
Será
Será
Será
Será que é você ?
Será
Será
Será
Será que sou eu ?
Será
Será
Será
Será que é você ?

(A entidade tira o parangolé de EGUM sangrado. Sai Sebastião com 13 de seus milênios de tortura, flexas-archotes, enterradas em seu corpo.)

CORO

Dom Sebastião
São Sebastião!
O Gay dos gays!
Libertado!
Era este o esperado?
Ressurreição imediatamente
Até pro mais descrente!

(Os Estúpidos da Divindade avançam deslumbrados e desmatirizam São Sebastião, arrancam as treze flexas de seu corpo martirizado que transmudam-se em esplendor cantando o tema de Sebastião em frevo. O Iluminado Ressucita, com uma criança recém nascida.)

ILUMINADO

Nasce dia
20 de Janeiro

Em São Sebastião do Rio de Janeiro
um menino de alcunha
Euclides da Cunha

(Todas as entidades mortas e vivas ressucitam em suas vidas aqui agora desvoduzadas. Entra Jesus carregando a cruz. O Coro faz com as flexas de São Sebastião tochas que fazem o Caminho até Monte Santo. Introdução com Banda Militar, com a marcha da procissão do enterro. Matracas. Cuícas. Sebastião acompanha o enterro, coroado de Dionisos relacionando-se com Jesus.)

CORO DOS IDIOTAS DE DEUS RESSUCITADOS COM SEBASTIÃO

(FORTE)

No Calvário da via sacra do Sertão
Muita queda, muita levantação.

JESUS

Jesus na fixação
de chegar
de chegar
a crucifixação
Caminho tão belo para chegar a céu tão machucado

CORO

Não aceita,
canta o bode
pra não ser sacrificado!

JESUS

Eu não.
Eu não.
Será que sou pagão?

CORO

Te amo Jesus
Canta o canto,
Canta isso não.
Te amo Jesus
Canta o canto,
Não canta essa triste oração.
PicoAraçá, luz primeira do Sertão!
Jesus por nosso amor,
berra,
canta,
bale:
Não !

(No calvário as tochas iluminam Jesus Cristo se crucificando. No ponto mais baixo, oposto, está:)

MISSIONÁRIO MODERNO

(Cheirando um rapé)

E do alto do calvário
Jesus mirou os olhos para baixo
e disse:

JESUS

Será a destruição
a apagação
a perversão
de tudo o que incutiram
nos vossos espíritos ingênuos, irmãos
os ensinamentos dos primeiros evangelizadores,
a arte surpreendente
da transfiguração das almas, das dores.

Veja o esbravejar
brutal e traiçoeiro
das vossas próprias almas
sem perdão.

Nessa Missão
Não há conselho
não há consolo
há vossa terra
há maldição.
Até a minha redenção

REPÓRTER ENVIADA ESPECIAL A MONTE SANTO
Obrigado Jesus.
Verônica Perone
Direto do calvário de Monte Santo

MISSIONÁRIO MODERNO
Da sombra da emboscada armada
das dobras do meu hábito escuro
num pulo,
subo ao púlpito das igrejas do sertão
me alevanto aos céus,
e descrevo o que vejo
as coisas que virão,
o inferno truculento,
flamívomo verão.

Essa algaravia comovida
com gestos de maluco
e esgares de truão
meu ridículo
minhas bufonarias melodramáticas,
parvoíces trágicas
que da minha boca saem,

(Se descobre do hábito escuro.)

tudo isso é pouco
para descrever
o que virá em nosso coração.

Alguém conhece a honesta,
a superior da vida,
feiçãõ?
Eu não.

Em todos os tons
vamos bradar
contra o pecado.
Esse é nosso quadro
Esboçado:
um auditório torturado
fulminado...
Só duros tratos da penitência,
penitenciária,
fim da impunidade,
tolerância zero,
sanguinária
combate à droga,
à obscenidade,
castidade,
salvarão das catástrofes,

da demência,
engendradas por nossa pestilência.

Atenção Espectador,
espectadora:
vai falar
a Boceta de Pandora...

(A Quenga-Pandora, uma Santa Mãe Terra, tem na mão a caixa de rapé. Levanta a saia e mostra a buceta, abrindo as pernas. O Missionário Moderno abre a caixa de rapé e coloca, com a ponta do dedinho, um pouco na buceta. Silêncio.)

MISSIONARIO MODERNO

Todos aguardam vossas palavras,
Vale a pena a Continuidade de nossa espécie terreal ?
Fala oráculo vaginal ...

BUCETA DE PANDORA *(em mau português, mau italiano e mau latim, como num truque de ventríloco, parecendo que a buceta fala.)*
Sono farto di desmandus,
do povo de questa terrae!

(Uma PESSOA BOMBA se atira contra o muro. Terremoto, explosões, trovões e bombas. Entra o grupo de Serenos, em terríveis mea culpas e penitências. Esmolando, chorando, rezando, numa mandria deprimente, estendendo as mãos para pedir esmolas e batendo no peito.)

DITIRAMBO SERTANEJO POLIFONICO SERÊNICO

Somos os Serenos
Deste mundo nós queremos
Nada de mais
Nada de menos
Somos Serenos

Somos os Serenos
Deste mundo nós queremos
Nada de mais
Nada de menos
Somos Serenos

Uma esmola pelo amor de deus
Minha culpa
Me desculpa

Minha maxima culpa
(o desespero interrompe a reza)
Maldição !
Quem pode fazer por nós,
nesse certão ?
Público,
só vós !
(O Coro dos Serenos dá uma cambalhota e vira levantando passando de mendigo a ladrão esperto.)

UM SERENO *(Sacando repentinamente uma arma.)*

A caridade pública
não vai
satisfazer a todos nós,
(Aponta a arma ao público. Serenamente:)
Eu mereço mais que a bilheteria.

CORO

Passa tudo.

(Mudança no Icto, tema musical das forças desvairadas da violência dos sertões dos séculos

19, 20 e 21. Vão saquear o espaço do público, ameaçando quem está no teatro.)

Grande Canção do Crime Organizado

*(Dois Grupos confrontam-se
Jagunços e Banqueiros
Lavadores de dinheiro,
grandes traficantes.)*

CORO DO CRIME ORGANIZADO
Chegamos co'as nossas bandeiras
ganância garimpeira
em busca do ouro da prata
ruinando a terra co'as catas

Riqueza do solo roubando
pobre ficou a terra
ajagunçando
defrontamos então esta guerra

Saqueadores da terra
Esgotada
de nossa ferocidade
transmudamos
saqueadores de cidades

A terra empobrecida
desnudada
dá de graça
salitre,
pólvora,
chumbo e prata
pro luxo da bala que mata.

Estamos em toda parte
alugamos nossa arte.
Piratas do mar extinto,
Disciplinando banditismo
distinto.

JAGUNÇOS
Mafiosos Banqueiros

BANQUEIROS
Jagunços Mataderos

JAGUNÇOS
Não roubamos qualquer coisa
qualquer um
nos governa um código de guerra
disciplina incomum.

*(Dois Bandos se confrontam, armados: Jagunços e Banqueiros Mafiosos, protegidos por
seguranças e lavadores de dinheiro, polícia própria. No clímax da confrontação chega o
delegadinho com um numeroso corpo policial, prestes a lutar.)*

DELEGADINHO
Positivo,
operante.
pacificantes
potentes
com intervenções neutras
ante facções combatentes.
Fazemos mais que os chefes das guerras,

Da América do norte, da Europa ou do Oriente.
(olhando os chefes dos grupos com prepotência)
Ação diplomática entre potências,
justiça armada
sem resistências
(grita indignado furioso)
não parlamentamos com criminosos
bandidos terroristas, malfeitores
mostramos como se faz
nao ratificamos tratados de paz
Mudamaram-se nossos atos
damos agora ultimatots.

(Os três grupos, de jagunços, policiais e banqueiros lutam por todas as veredas dos sertões em movimentos desvairados, perdidos, ao lado dos místicos. Santos. Sebastião. Projeção. Queima-se plantações de maconha. Apreensão de cocaína, contrabando de armas. Dinheiro, votação de bolsa, conta corrente. Dólar. Banco Central. Propaganda. Jingle de TV, estilo policial Cidade Alerta - música Eletrônica, gravada.)

TODOS
Lutadores de diferentes facções
comandos:
-do capital
-vermelho
-ou terceiro
terceirizados
nossos bandos
rezam ações organizados
fundam
divorciados
uma só nação
alvorotados,
indivíduos,
destruções,
solitários,
Sertões.

E éramos o povo mais honesto do mundo.

EUCLIDES
Quando se tornou urgente
pacificar o sertão de Canudos,
o governo da Bahia estava a braços
com todas essas insurreições.
A campanha de Canudos desponta
da convergência espontânea
de todas estas forças desvairadas,
perdidas nos sertões.

TODOS
Um vulcão
reacendido da profundidade
dos mares extintos
dos desesperos inconformados
das camadas profundas,
presas,
dos instintos.

ANTONIO CONSELHEIRO
É natural que estas camadas profundas da nossa estratificação étnica se sublevassem numa anticlinal extraordinária
- Antônio Conselheiro...

A imagem é corretíssima.

Da mesma forma que o geólogo, interpretando a inclinação e a orientação dos estratos truncados de antigas formações, esboça o perfil de uma montanha extinta, o historiador só pode avaliar a altitude daquele homem, que por si nada valeu, considerando a psicologia da sociedade que o criou.

Isolado, ele se perde na turba dos nevróticos vulgares. Pode ser incluído numa modalidade qualquer de psicose progressiva.

Mas, posto em função do meio, assombra.

É uma diátese e é uma síntese.

As fases singulares da sua existência não são, talvez, períodos sucessivos de uma moléstia grave,

mas são, com certeza, resumo abreviado dos aspectos predominantes de mal social gravíssimo.

Por isto o infeliz, destinado à solicitude dos médicos, veio, impelido por uma potência superior, bater de encontro a uma civilização, indo para a História como poderia ter ido para o hospício.

Porque ele para o historiador não foi um desequilibrado.

Apareceu como integração de caracteres diferenciais – vagos, indecisos, mal percebidos quando dispersos na multidão, mas enérgicos e definidos, quando resumidos numa individualidade.

Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercitadas na indisciplina da vida sertaneja, se condensaram no seu misticismo feroz e extravagante.

Ele foi, simultaneamente, o elemento ativo e passivo da agitação de que surgiu.

O temperamento mais impressionável apenas fê-lo absorver as crenças ambientes, a princípio numa quase passividade pela própria receptividade mórbida do espírito torturado de reveses, e elas refluíram, depois, mais fortemente, sobre o próprio meio de onde haviam partido, partindo da sua consciência delirante.

É difícil traçar no fenômeno a linha divisória entre as tendências pessoais e as tendências coletivas: a vida resumida do homem é um capítulo instantâneo da vida de sua sociedade...

Acompanhar as tendências pessoais é seguir paralelamente e com mais rapidez as tendências coletivas. Acompanhá-las juntas é observar a mais completa mutualidade de influxos.

Considerando em torno, o falso apóstolo, que o próprio excesso de subjetivismo predispuera à revolta contra a ordem natural, como que observou a fórmula do próprio delírio.

Não era um incompreendido.

A multidão aclamava-o representante natural das suas aspirações mais altas.

Não foi, por isto, além.

Não deslizou para a demência.

No gravitar contínuo para o mínimo de uma curva,

para o completo obscurecimento da razão,

o meio reagindo por sua vez amparou-o,

corrigindo-o,

fazendo-o estabelecer encadeamento nunca destruído nas mais exageradas concepções,

certa ordem no próprio desvario, coerência indestrutível em todos os atos e

disciplina rara em todas as paixões, de sorte que ao atravessar, largos anos, nas

práticas ascéticas, o sertão alvorotado, tinha na atitude, na palavra e no gesto, a

tranquilidade, a altitude e a resignação soberana de um apóstolo antigo.

Doente grave, só lhe pode ser aplicado o conceito da paranóia, de Tanzi e Riva.

Em seu desvio ideativo vibrou sempre,

a bem dizer exclusiva,

a nota étnica.

Foi um documento raro de atavismo.

A constituição mórbida

levando-o a interpretar caprichosamente as condições objetivas,

e alterando-lhe as relações com o mundo exterior,
traduz-se fundamentalmente
como uma regressão ao estágio mental dos tipos ancestrais da espécie.

Evitada a intrusão dispensável de um médico, um antropologista encontrá-lo-ia normal, marcando logicamente certo nível da mentalidade humana, recuando no tempo, fixando uma fase remota da evolução. O que o primeiro caracterizaria como caso franco de delírio sistematizado, na fase persecutória ou de grandezas, o segundo indicaria como fenômeno de incompatibilidade com as exigências superiores da civilização – um anacronismo palmar, a revivescência de atributos psíquicos remotíssimos. Os traços mais típicos do seu misticismo estranho, mas naturalíssimo para nós, já foram, dentro de nossa era, aspectos religiosos vulgares.

Poderíamos apontá-los em cenário mais amplo. Bastava que volvéssemos aos primeiros dias da Igreja, quando o gnosticismo universal se erigia como transição obrigatória entre o paganismo e o cristianismo, na última fase do mundo romano.

Com efeito,
os montanistas da Frígia,
os adamitas infames,
os ofiolatras,
os maniqueus bifrontes entre o ideal cristão emergente e o budismo antigo,
os discípulos de Markos,
os encratitas abstinentes e macerados de flagícios,
todas as seitas em que se fracionava a religião nascente,
com os seus doutores históricos e exegeses hiperbólicas, forneceria hoje casos repugnantes de insânia.

E foram normais.

Acolchetaram-se bem a todas as tendências da época em que as extravagâncias de Alexandre Abnótico abalavam a Roma de Marco Aurélio, com as suas procissões fantásticas, os seus mistérios e os seus sacrifícios tremendos de leões lançados vivos ao Danúbio, com solenidades imponentes presididas pelo imperador filósofo...

A história repete-se.

Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco.

Paranóico indiferente, este dizer, talvez, mesmo não lhe possa ser ajustado, inteiro. A regressão ideativa que patenteou, caracterizando-lhe o temperamento vesânico, é, certo, um caso notável de degenerescência intelectual, mas não o isolou – incompreendido, desequilibrado, retrógrado, rebelde – no meio em que agiu.

Ao contrário, este fortaleceu-o. Era o profeta, o emissário das alturas, transfigurado por ilapso estupendo, mas adstrito a todas as contingências humanas, passível do sofrimento e da morte, e tendo uma função exclusiva: apontar aos pecadores o caminho da salvação. Satisfez-se sempre com este papel de delegado dos céus. Não foi além. Era um servo jungido à tarefa dura; e lá se foi, caminho dos sertões bravios, largo tempo, arrastando a carcaça claudicante, arrebatado por aquela idéia fixa, mas de algum modo lúcido em todos os atos, impressionando pela firmeza nunca abalada e seguindo para um objetivo fixo com finalidade irresistível.

A sua frágil consciência oscilava em torno dessa posição média, expressa pela linha ideal que Maudsley lamenta não se poder traçar entre o bom senso e a insânia.

Parou aí indefinidamente,
nas fronteiras oscilantes da loucura,
nessa zona mental onde se confundem facínoras e heróis,
reformadores brilhantes e aleijões tacanhos,
e se acotovelam gênios e degenerados.

Não a transpôs.

Recalcado pela disciplina vigorosa de uma sociedade culta, o seu misticismo comprimido esmagaria a razão. a sua nevrose explodiria em revolta.